

BAIRRO MUNICIPAL DAS FURNAS

MONOGRAFIA



MARIA DE LURDES PAIS GOMES
31 DE OUTUBRO DE 1950

PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

Bibliografia - B. Municipal Lisboa - 31-10-50



INTRODUÇÃO

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

67
23
46



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

PLANO GERAL

INTRODUÇÃO

Iª. Parte:

Bairros Municipais:

IIª. Parte:

Bairro das Furnas:

- 1ª. Capítulo: Situação geográfica;
 - 2ª. Capítulo: Elementos sobre a cidade e freguesia a que pertence o bairro;
 - 3ª. Capítulo: Clima e situação geológica do terreno;
 - 4ª. Capítulo: Aspecto geral do bairro;
 - 5ª. Capítulo: Edifícios públicos e sua acção - Centro Social (centro, infantário, jardim infantil e casa de trabalho), escolas, capela, salão de festas, centro extra-escolar (Mocidade Portuguesa e sala dos estudos) e mercado.
- IMPRESSIONES GERAIS
- 6ª. Capítulo: Habitação - meios de transporte e comunicações;
 - 7ª. Capítulo: População e suas actividades;
 - 8ª. Capítulo: Indumentária e alimentação;
 - 9ª. Capítulo: Situação económica;
 - 10ª. Capítulo: Higiene e saúde pública, - higiene, saúde e colónia de férias;
 - 11ª. Capítulo: Vida social e familiar;
 - 12ª. Capítulo: Vida moral e religiosa;
 - 13ª. Capítulo: Vida política e intelectual.

IIIª. Parte:

Famílias do Bairro - história, vida social e familiar, vida económica, alimentação e habitação duma família do Bairro e outras famílias.

IVª. Parte:

Solução de alguns problemas relativos ao Bairro



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

"O bairro das minhocas"

O Bairro da Bélgica, "das latas", "das minhocas", ficava situado na encosta que sobe das Laranjeiras para Palma, junto à rua da Benificência, Filipe da Mata, e estrada das Laranjeiras.

Eram cerca de mil barracas, aglomeradas nalgumas centenas de metros, de aspecto miserável, sujo e de tristeza.

A maioria das barracas, era construída ou de madeira, ou de lata, e zinco, paus incertos, todo o material enfim do mais modesto e simples, que servisse para esse fim. Alguns desses casebres, eram construídos duma variedade imensa de material-lata, madeira, paus, tijolos incertos e meio rachados.

A destacar-se do conjunto, aqui e além avistava-se alguma barraca mais decente, e construída só dum material. A rodea-las, um pequeno terreno ajardinado, como se fora um pequeno chalet, no meio de habitações mais simples.

Alguns dos habitantes de mais posses, caiavam as paredes exteriores das suas barracas.

Estas eram porém em número reduzido, e o bairro tinha assim um ar de miséria, de desconforto, de sujidade, que impressionava logo à primeira vista.

O povo chamava-o por "minhocas" porque tinham aparecido nos quintais, e terrenos adjacentes às suas habitações, vários desses vermes. Daí ser conhecido vulgarmente por este nome.

Havia também quem o apelidasse por "bairro das latas", por este material ser muito abundante nos telhados das barracas, e mesmo na sua construção básica.

Oficialmente, chamavam-no por bairro da Bélgica, por estas centenas de barracas ficarem adjacentes ao bairro do mesmo nome, e que hoje ainda existe, e que compreende as habitações e terrenos existentes entre a Rua da Benificência, e a Estrada das Laranjeiras. Pertence administrativamente à freguesia de S. Sebastião da Pedreira, e religiosamente à Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Era realmente um nome deveras pomposo, que não correspondia ao aspecto miserável, da quele aglomerado de barracas.

Estas compreendiam na sua maioria um só compartimento, havendo porém algumas famílias, que possuíam duas barracas anexas, ou então uma só barraca maior, dividida a meio por um tabique de madeira ou lata, dando origem portanto a dois compartimentos.

Numa só barraca, muitas vezes só com um postigo, ou uma abertura na parede com acesso para a rua, ou mesmo até sem qualquer outra abertura por onde entrasse o ar (além das gretas, ou frinças mal vedadas), viviam quantas vezes, uma família constituída pelo pai, mãe, filhos pequenos ou grandes, casados por vezes e já com filhos!

Chegava a ser inacreditável, como uma barraca daquelas, podia comportar tanta gente, e com tanta promiscuidade!

Alguns dormiam como se fossem animais, em cima do próprio solo, que era terra geralmente, ou então em cima de pedaços de feno, ou palha, que sobrava dum antigo colchão já esfarrapado pelo uso!

Isto não era porém regra geral, havendo várias famílias que tinham a sua cama, embora às vezes quando a família era numerosa, dormissem a três e quatro, sobre a mesma. Havia também quem tivesse soalho de madeira ou mesmo empedrado.

A regra não era geral, mas é certo é que havia a par de muita miséria, várias famílias que viviam menos mal, pelo menos em relação às mais pobres.

A higiene, e a moralidade, eram palavras mais ou menos desconhecidas para a maioria dos habitantes.

As barracas como é de calcular não possuíam esgotos, sendo os dejectos deitados nas ruas, por onde serpenteavam aqui e além pequenos riachos de água suja, e mal cheirosa, verdadeiros focos de infecção, e de aglomeração de insectos!

Quando chovia, as ruas tornavam-se num verdadeiro lamaçal.

Devido à grande promiscuidade, e reunião de pessoas, num espaço relativamente pequeno, para o número de barracas que comportava, havia vários focos infecciosos, contando-se entre êles várias famílias com lepra, e tuberculose, dois dos grandes flagelos da humanidade, e ali existentes.

A sarna, a tinha, febres intestinais, eram doenças muito frequentes entre os habitantes do bairro, especialmente entre as crianças, sempre mais susceptíveis de contágio.

A mortalidade infantil, era grande e a mortalidade entre os adultos não lhe ficava muito atrás.

Muitos dos doentes, não se tratavam, e alguns dêles, como os leprosos, mais chaguentos, com feridas e nódulos nos membros e faces, sentados à soleira ou degraus das suas barracas, davam aos transeuntes que passavam por ali, um aspecto desolador de doença e de miséria!

As desordens no bairro eram constantes. Os homens iam muitas vezes à noite, para as tabernas próximas e à volta vinham embriagados, provocando desordens, em que várias vezes a polícia teve que intervir.

As crianças brincavam nos charcos das ruas, durante o dia, e as mulheres passavam parte dêle a conversar umas com as outras, a discutirem e algumas vezes acabavam a arranhar-se umas às outras.

Desordem, desmoralização, doença, sujidade, e miséria - cinco palavras que podiam figurar como emblema do celeberrimo bairro das minhocas!!!...

E digo celeberrimo, - pelo foco de infecção que representava para a cidade!

+ A Legião Portuguesa querendo tomar a sua acção mais construtiva que sómente paliativa, como seja bodos aos pobres, donativos, etc., obras de facto úteis mas sem continuidade, resolveu interessar-se por êste bairro, o que fez, e que foi de facto a primeira pedra lançada para a sua demolição total.

Consultadas altas entidades do País em matéria social, foi resolvido fazer um inquérito sumário às famílias do bairro sobre as suas condições de vida-material e moral.

Foram então escolhidas três Assistentes sociais, para porém em prática o fim em vista. Obtidos os resultados pelos inquéritos familiares, a Legião propôs à Câmara Municipal de Lisboa, a construção de casas para os moradores dêste bairro, tendo sido eleita uma

comissão que ficava a superintender na administração das moradias, e outra comissão constituída pela Legião, superintendendo a acção social.

Pelo decreto 28.912 que autorizava a construção das referidas habitações, a Câmara construiu então cerca de quinhentas casas em lusalite, na Quinta da Calçada, propriedade da Câmara, perto de Telheiras, e pertencente à freguesia do Lumiar.

O referido possui além de quinhentas habitações, praça, capela, escolas e centro social.

Pelos inquéritos feitos ás famílias, descobriu-se que algumas delas, viviam em más condições, por sua livre vontade, visto se ter averiguado ser muito razoável o nível económico das mesmas famílias.

Contam-se casos de pais com filhos, a estudarem em liceus ou institutos de comércio, e que preferiam viver ali em barracas miseráveis, a fim de não pagarem renda.

Estes habitantes de nível económico mais elevado, bem como os portadores de doenças, tais como leprosos etc., foram retirados do programa das suas entradas para o novo bairro de lusalite.

Aos segundos acima mencionados, depois de averiguado a gravidade e o perigo de contágio da doença, pelos médicos que inspecionaram os habitantes do bairro antes do abandono do mesmo, a Câmara facilitou dum modo geral a sua transição para moradias noutros lugares.

Os primeiros foram intimados a abandonar as barracas, e a irem procurar habitação noutros sítios, visto que as suas posses assim o poderiam permitir. ×

Alguns destes habitantes foram viver para o bairro da Palma situado na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, composto de duas povoações Palma de Baixo, e Palma de Cima, confinando a primeira com a estrada das Laranjeiras, e a segunda com a rua da Benificência.

Fica portanto muito perto do antigo bairro das minhocas.

É um bairro de população pobre, mas cujas casas já são construídas de pedra e cal, e na sua maioria com dois pisos.

Tem também as suas ruas delineadas, sendo algumas delas calcetadas, embora imperfeitamente.

Não se pode comparar de qualquer forma com o bairro das minhocas, que na realidade nunca formou um verdadeiro bairro, mas sim um grande aglomerado de barracas e casebres de latas!

Todos os habitantes que iam habitar o bairro da Quinta da Calçada, além da inspecção médica, que teve como fim despistar, e pôr cõbro, aos inúmeros focos de infecção que grassavam nas "minhocas", tiveram que ir ao Parque Sanitário, bem como as suas bagagens, a fim de sofrerem a desinfectação e limpeza necessária a quem ia passar dum bairro velho, e sujo, para um bairro novo e asseado.

O povo, não estava porém satisfeito, como se poderia imaginar, com a perspectiva da nova mudança. Muitos deles receavam ficar prisioneiros no novo bairro, temendo perder a liberdade com a mudança, e logo como é de esperar a par da má vontade que começavam a demonstrar, mil boatos acêrca da ida para a Quinta da Calçada começaram a

aparecer - "que ficavam prisioneiros", "que não podiam entrar no bairro depois das nove horas da noite", "que tinham vistoria diária ás casas", "que eram obrigados a casar", etc. etc.

Os policiaes que rondavam o bairro, convenceram-nos do contrário, o que os alegrou e fez com que se mostrassem, e sentissem depois satisfeitos com a mudança para a Calçada.

As casas começaram a ser construidas em 1938. Era então ministro das Obras Públicas o engenheiro Duarte Pacheco, que foi quem deu grande impulso à construção deste bairro.

O bairro foi habitado pela população das "minhocas" nos fins de 1947.

O centro social começou a funcionar no mês de Fevereiro de 1947, numa dependência duma casa de habitação. Só mais tarde foi construido um edificio próprio para este fim.

A comissão de acção social do bairro, constituída inicialmente pela Legião Portuguesa, pediu depois a colaboração da Obra das Mães, para a sua acção se poder estender mais.

Foi escolhida também uma assistente social para o novo bairro.

A princípio surgiram naturalmente muitas dificuldades, e obstáculos, contra o serviço social dos bairros.

Dificuldades financeiras, materiais, de assistência física, e moral.

Havia falta de pessoal de enfermagem, de médicos, etc.

A verba era reduzida, e as despesas eram muitas.

As famílias estavam ainda muito indomáveis, muito arreigadas aos seus antigos hábitos e vícios, para se deixarem trabalhar facilmente.

A acção do centro social á principio foi dura, difícil, espinhosa até por vezes.

O começo duma obra grande é sempre em geral o que dá mais trabalho, e o que faz também desanimar mais, por não se verem logo os seus frutos.

A pouco e pouco porém as dificuldades foram-se desvanecendo os obstáculos foram-se reduzindo, e o pessoal de enfermagem começou a surgir, bem como novos elementos que vieram ajudar a frutificar o serviço social do bairro.

Com a colaboração da Junta da Provincia da Estremadura, foi inaugurado um posto de Puericultura, com consulta médica, lactário, creche e jardim de infância, que muito veio a contribuir para a saúde e felicidade das crianças.

Hoje já não existe o velho, e sujo bairro das "minhocas".

Das suas inúmeras e feias barracas de latas, não guardamos mais que uma longiqua lembrança.

Nada ali hoje existe que assinale a existência do bairro, a não ser num vasto terreno inculto onde crescem cardos e outras ervas daninhas.

Bairro das minhocas, das latas, do lixo - bairro triste que já desapareceu!...

E hoje ao lembrá-lo, nas nossas almas, dois sentimentos opostos se aglutinam...

Tristeza - pelo que lá vai - pela desordem, pela desmoralização, pelo sofrimento, pela miséria que lá existiu!

Alegria - pelo presente, pela mudança, pela demolição, pela transacção para um bairro melhor, aonde eles podem também ser melhores quer física quer moralmente!!!...



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

1ª. PARTE



BAIRROS MUNICIPAIS

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

B A I R R O S M U N I C I P A I S

A Câmara Municipal de Lisboa possui além dos bairros de construção definitiva, bairros de casas desmontáveis.

"Para alojamento provisório dos ocupantes dos chamados "bairros da lata" e de outros edifícios atingidos por obras de urbanização, o Governo promoveu a construção de casas desmontáveis para o que concedeu às Câmaras Municipais, subsídios não reembolsáveis.

Estes bairros permitem seleccionar as famílias que, depois, vão ocupar as casas de categoria superior".

O bairro da Quinta do Jacinto e o bairro do Caramão da Ajuda, figuram como exemplares dos bairros municipais de construção definitiva.

Os bairros da Quinta da Calçada, da Boa-Vista e da Quinta das Furnas, figuram como bairros de casas desmontáveis.

Entre estes últimos, podemos destacar por ordem das suas respectivas construções - Quinta da Calçada como sendo o primeiro a ser inaugurado, e possuindo cerca de quinhentas casas, - Boa-Vista figurando em segundo lugar, e possuindo cerca de setecentas casas, - e Quinta das Furnas como sendo o último a ser construído e que possui duzentas e oitenta habitações.

O primeiro destes bairros fica situado perto de Telheiras, comunicando com Palma de Cima, através duma longa azinhaga, e de alguns atalhos mais ou menos descampados. Pertence à freguesia do Lumiar.

O bairro da Boa-Vista fica perto das estradas da Portela, e do Monsanto, junto ao Parque Florestal, e pertence à freguesia de Benfica.

O bairro das Furnas fica situado defronte do Jardim Zoológico e pertence à freguesia de S. Sebastião da Pedreira.

A orgânica destes três bairros municipais é a seguinte:

A Câmara Municipal é a entidade patrimonial dos bairros que confia a administração dos mesmos, a uma entidade autónoma que é a comissão administrativa dos bairros de casas desmontáveis.

Esta entidade tem funções puramente administrativas como seja:

- o admitir inquilinos.
- a conservação das casas.
- a administração do mercado.
- a cobrança das rendas.
- etc.

O Serviço Social dos bairros foi confiado a uma entidade também autónoma, de função coordenadora e que é a Comissão de Acção Social dos Bairros Municipais, constituída actualmente pela Legião Portuguesa, Misericórdia de Lisboa e Obra das Mães.

A selecção das famílias vai-se fazendo, à medida que estas vão atravessando gradual-

mente os bairros, até atingirem um certo nível económico e moral, altura em que estão aptas a ingressarem nos bairros de casas definitivas.

O bairro das Furnas está em 2º. lugar no escalão de nível económico superior. O bairro da Calçada e da Boa-Vista ficam em primeiro lugar no escalão de nível económico inferior. É nêstes dois bairros que existe mais miséria e mais desmoralização. As condições de admissão aos bairros municipais de casas desmontáveis são as seguintes:

- habitantes de casas demolidas.
- habitantes de casas desalojadas.
- habitantes de bairros de lata e outros idênticos.

O bairro do Caramão da Ajuda está em 3º. lugar no escalão de nível económico superior e foi o último a ser construído.

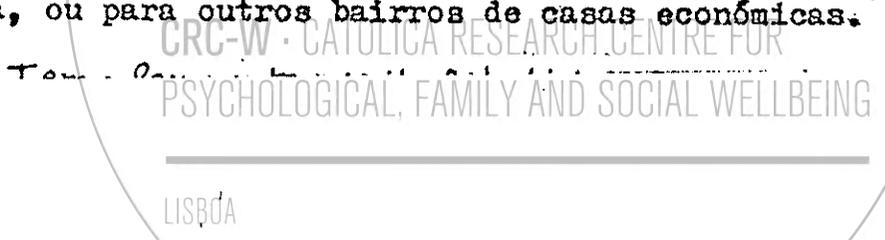
O Alvalade, e os bairros económicos se bem que não sejam municipais, estão também incluídos no 3º. escalão, como o bairro do Caramão.

Nêstes últimos bairros, já de casas definitivas, os habitantes fazem como que a sua emancipação e adquirem mais a sua liberdade.

Nesta altura atingiram já também um nível económico e moral mais elevado, que em todos os bairros precedentes onde habitaram.

A Câmara Municipal possui no bairro de Alvalade prédios, que fazem parte do seu património. É para estas habitações que os moradores dos bairros municipais de casas desmontáveis, transitam, depois de alguns anos de estadia ali.

Eles não seguem porém, como já vimos, somente para o Alvalade, mas sim também para o Caramão da Ajuda, ou para outros bairros de casas económicas.



Construção definitiva

1.488 casas de construção permanente

Tipos	I	II	III	IV	
Quinta da Alameda (500)	104	256	140	—	
Boa Vista (108)	88	296	215	109	
Quinta das Furnas (280)	36	96	127	21	
Tipos	A	B	C	D	E
Jacinto (28)	4	4	4	8	4
	65#00	100#00	135#00	145#00	175#00
Caramão (434)	—	33	52	264	85
	—	140#00	195#00	240#00	290#00

De 1942 a 1948 foram transferidos dos bairros municipais:

- para bairros de casas económicas - 50 famílias
- " bairro Alva e Ale - 117 "
- " Quinta do Jacinto - 245 "
- " bairro Caramão da Ajuda - 106 "



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

12.º CAPÍTULO



SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O Bairro da Quinta das Furnas, fica situado na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, desta nobre cidade de Lisboa.

Este bairro municipal, tem lugar na Quinta das Furnas, propriedade da Câmara, situada junto à Azinhaga do mesmo nome, e muito próxima da rua de S. Domingos de Benfica, onde vem findar a referida azinhaga.

A fachada principal do Jardim Zoológico, fica fronteira à referida Quinta das Furnas. O acesso ao bairro pode ser através de dois caminhos: ou seguindo pela azinhaga das Furnas, que tem início na estrada de Benfica junto ao número 253, e para a qual dá a entrada do bairro; ou indo pela rua de S. Domingos de Benfica, que tem também o seu início junto à estrada de Benfica e fica fronteira à Travessa das Águas-Boas, e correndo para a esquerda, junto ao nº. 9 da mesma rua.

A Quinta das Furnas é toda murada ao seu redor.

A fachada principal da Quinta e onde está situada a entrada que dá acesso ao bairro, confina com a azinhaga das Furnas e com uma grande casa de habitação com terreno anexo, espécie de vila onde vivem várias famílias.

Tomando como ponto de referência a entrada principal do bairro, encontramos à nossa esquerda a limitar a quinta, a propriedade pertencente outróra à família Monteiro, cujo proprietário era conhecido pelo "Monteiro dos Milhões", e que hoje tem o nome de quinta dos Milagres.

A moradia que domina a quinta está hoje ocupada pela escola oficial Marquês de Pombal, e pelo posto da 3ª. companhia dos bombeiros municipais de Lisboa.

Ainda à nossa esquerda, mais abaixo, quasi junto à linha férrea de Sintra, os muros da quinta das Furnas confinam com os terrenos pertencentes à propriedade Casal da Sola, situada junto à rua de Campolide, e que se estende pelos montes, adjacentes à serra de Monsanto.

Os proprietários do Casal da Sola possuíam outróra uma grande extensão de terrenos na serra de Monsanto, que a pouco e pouco têm sido expropriados pela Câmara.

A parte da quinta deste bairro municipal, que fica fronteira à serra de Monsanto, confina com uns terrenos que circundam a linha férrea de Sintra, e com um barracão de oficinas e reparações de carruagens, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O lado direito da quinta confina com as trazeiras dos prédios da rua de S. Domingos de Benfica.

O bairro está situado a oeste - noroeste da cidade de Lisboa, fica perto dos centros de civilização, e no entanto quem se encontrar ali, tem certamente a sensação de já estar extra-muros da cidade, bem longe do movimento e da agitação citadina!

III. CAPÍTULO

ELEMENTOS

SOBRE A CIDADE E FREGUESIA
A QUE PERTENCE O BAIRRO

LISBOA

"E tu nobre Lisboa, que no mundo.
Fácilmente das outras és princesa."

Lusíadas

ELEMENTOS SOBRE A CIDADE E FREGUESIA A QUE PERTENCE O BAIRRO

O Bairro Municipal da Quinta das Furnas fica situado, como atrás foi dito, na cidade de Lisboa, freguesia de S. Sebastião da Pedreira.

Lisboa, capital de Portugal está situada na margem direita do Tejo, a 38°, 42' de latitude norte, e a 43° de longitude O do meridiano de Paris.

Lisboa, com a sua excepcional situação geográfica, e fáceis meios de comunicação, pode-se considerar como um dos melhores portos da Península, e o seu movimento marítimo coloca-o no quinto lugar entre os grandes portos do continente europeu.

A cidade assentava sobre sete montes mas as modernas ampliações e alargamentos elevaram para onze o número de colinas, a saber: Castelo, Graça, Penha de França, Chagas, Santa Catarina, Cruz das Almas, Alto do Duque, Montes Claros, Monsanto, Ameixoeira e Bela-Vista.

A superfície da cidade é cerca de 8.245 hectares.

Segundo afirmam alguns historiadores, Lisboa, a linda e nobre cidade, de velhas tradições, "princesa do Oceano" como a denominavam os antigos, foi fundada pelos fenícios, povo aventureiro e grande navegador que numa das suas inúmeras viagens estabeleceram uma pequena colónia acima da foz do Tejo, no monte onde se eleva o Castelo de S. Jorge. Alis Ubbo foi o nome dado a essa colónia fenícia, que poucos vestígios nos deixou dessa época.

Júlio Cesar, imperador romano, que dominou na Lusitania, denominou-a Felicitas Julia, e considerou-a como município romano, concedendo-lhe fôro e outras regalias.

A acção civilizadora do povo romano, teve muita importância para a península, e hoje ainda se encontram vestígios dessa era, como sejam muralhas, inscrições, ruínas de monumentos, etc.

Lisboa, passou depois do domínio romano para o visigótico, e seguidamente para o poder dos muçulmanos, árabes e mouros, que passaram então a denominar a cidade por Lisibona.

Depois de um prolongado cerco, D. Afonso Henriques, conquistou aos mouros no ano de 1147, a nobre e leal cidade de Lisboa.

O primeiro foral concedido a Lisboa tem a data de 1179.

A cidade foi assim crescendo, e alargandose a pouco e pouco. Do seu belo porto, partiram as primeiras naus, que iniciaram o ciclo histórico dos descobrimentos marítimos, que trouxeram um tão grande prestígio a Portugal, e à cidade de Lisboa!

E a cidade foi-se embelezando, e enchendo de belos monumentos e igrejas, e outras maravilhas arquitectónicas!

Em 1755, um grande abalo sísmico, destruiu parte da cidade, e com êle perderam muitas maravilhas artísticas e arquitectónicas.

O ministro de D. José I, Marquês de Pombal reedificou a cidade, e num esforço gigantesco, levantou-a, e tentou dar-lhe o brilho que se supunha perdido pelo terrível cataclismo, tornando Lisboa novamente bela e magestosa.

10

O terramoto teve grande influência na cidade, dando origem a uma diminuição de população, e à perda de obras de arte e de edifícios, ao mesmo tempo que a cidade começou a estender-se.

As invasões francesas não deixaram que estas obras prosseguissem e houve então uma interrupção.

Em Novembro de 1807, Lisboa foi ocupada pelo exército de Junot, que a abandonou no ano seguinte, depois de ter praticado inúmeros estragos e roubos na cidade.

No século 19, o município alarga-se ao norte até Benfica e Lumiar, ao mesmo tempo, que novos bairros se vão construindo por toda a cidade.

Com a proclamação da República e sobretudo com a revolução nacional de 28 de Maio de 1926, que deu origem à constituição política vigente, o progresso da cidade de Lisboa foi-se acentuando cada vez mais.

Hoje ela abrange uma área de 87,44 km² e está dividida em quatro bairros, que compreendem 43 freguesias.

É no terceiro bairro administrativo de Lisboa, que se encontra a freguesia a que pertence o bairro da Quinta das Furnas.

Deixemos agora a cidade de Lisboa e falemos um pouco da freguesia de S. Sebastião da Pedreira a que pertence o bairro em questão.

Como este bairro não possui tradições, nem passado, visto que as famílias que o habitam datam de há muito pouco tempo, que não chega sequer a uma meia dúzia de anos, e como o mesmo fica nos confins da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, princípios da freguesia de Benfica, pouco interessará certamente um estudo pormenorizado, acêrca de cada uma destas freguesias.

Dir-se-á qualquer coisa acêrca das mesmas, embora muito em geral, atendendo a que muitas famílias, que habitam hoje o bairro, moravam outróra nas áreas compreendidas por estas freguesias.

A Junta de freguesia de S. Sebastião da Pedreira tem lugar na Rua Filipe Folque, e é a ela que recorrem os habitantes do bairro, sempre que necessitam de algum atestado ou certificado, etc., qualquer acto enfim que necessite da intervenção da Junta.

De Sete-Rios a Benfica existiram, e existem ainda hoje ali numerosas quintas.

"Em nenhum outro lugar de Portugal, se exceptuarmos Sintra, se encontrarão reunidos em tão pequeno circuito, tão lindas, tão históricas, tão anedóticas, tão saudosas quintas".

Em S. Domingos de Benfica, existe hoje ainda o antigo convento de religiosas, onde repousam os restos de João das Regras e de D. João de Castro e onde Frei Luiz de Sousa escreveu a sua "Crónica de S. Domingos".

Um pouco mais adiante de Sete-Rios, encontramos hoje o Jardim Zoológico, situado na Quinta das Laranjeiras, belo parque muito arborizado, possuindo uma bela coleção de animais de todo o mundo, onde predominam as espécies africanas. Tem um parque infantil, uma bela mata, ring de patinagem, campo de tennis, um vasto roseiral, lagos, e lugares muito aprazíveis para se passear.

Este parque, faz parte do palácio que pertenceu ao Barão de Quintela, mais tarde Conde de Farrobo e grande financeiro português. Os seus saraus na quinta das Laranjeiras fi-

caram célebres, pelo fausto e animação com que eram realizados.

Mais tarde este parque bem como o palácio, passaram para a família Burnay, e hoje estão em poder do Jardim Zoológico.

Alí na povoação do Calhau, à Rua S. Domingos de Benfica, encontramos quasi a galgar as abas da serra de Monsanto o palácio dos Marquezes da Fronteira, com a sua mata frondosa a rodeá-lo.

Em Benfica, mesmo no términos da linha dos elétricos, segue uma avenida direita ao Parque Silva Porto, mais conhecido pela mata de Benfica, lugar fresco e agradável, aonde a população de Lisboa acorre muitas vezes ao domingo.

Na Cruz da Pedra existem várias quintas pertencentes a particulares, como seja por exemplo a bela propriedade conhecida por quinta dos Milhões, e o parque da casa de Saúde de Benfica.

A freguesia de Benfica começa a partir da Cruz da Pedra, e abrange o Calhau, S. Domingos de Benfica, Monsanto, etc.

Na antiga quinta dos Bensabat, ergue-se hoje uma série de casas modernas, de três a quatro pisos, e cujas trazeiras dão para a azinhaga das Furnas.

O palácio desta família, está hoje ocupado pela escola comercial Pedro de Santarém, cuja fachada principal, dá para a estrada de Benfica fazendo o prédio esquina para a rua de S. Domingos de Benfica. O princípio desta rua, é tão estreito e tão desabitado, com muros de quintas dum lado e doutro, que lembra mais uma azinhaga, ou uma travessa, que propriamente uma rua.

A azinhaga das Furnas, é comprida, tortuosa, calcetada imperfeitamente, murada dos dois lados e possui apenas cerca de 8 a 10 habitações em toda a sua extensão.

É já no fim da azinhaga, que se encontra a estrada, que dá acesso ao bairro das Furnas.

III.2. CAPÍTULO



O CLIMA

E A

SITUAÇÃO GEOLOGICA DO TERRENO

CRC-W · CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

O CLIMA

O clima do bairro, e portanto da cidade de Lisboa é saudável, e temperado. No entanto devido à sua localização perto da serra de Monsanto, e de diversas matas ali perto, o sítio das Furnas é um pouco húmido. Há ainda um factor a contribuir para a humidade que é o seguinte: na zona de Sete-Rios passavam outróra ali vários rios, bem como uma ribeira que se estendia ao longo da estrada das Laranjeiras. Os terrenos são portanto um pouco húmidos, devido a muitas daquelas terras terem estado banhadas pela água, se bem que isso tivesse sido há já muitos anos. O ar que se respira na quinta das Furnas, é um ar puro e saudável, que vem da serra de Monsanto, e dos montes mais próximos.

O SOLO

Na região de Lisboa, Oeiras e Alverca aparecem terrenos do período eoceno (basalto sob a forma de fitas ou diques, mas principalmente sob a forma de mantas cobrindo o cretácico). De Campolide a Alverca aparecem ainda, terrenos do período oligoceno (era terciária). No período eoceno, há a predominância de rochas basálticas, que se apresentam em certos sítios sob a forma de tufo basáltico de estratificação visível, associados a margas avermelhadas, com fósseis de moluscos terrestres. No período oligoceno, aparecem "conglomerados de grossos calhaus com cimento argiloso e calcáreo, alternando com estratos de argila, areia ou bancadas calcáreas (camadas de Benfica)". A serra de Monsanto, é uma região calcárea coberta porém em alguns lugares, sobretudo para o lado norte da serra, por um manto basáltico. A quinta das Furnas, situada perto de Benfica e junto ao sopé da serra, tem fatalmente predominância no seu sub-solo, de terrenos do período oligoceno, coberto porém em alguns lugares por um manto basáltico (do período eoceno).

IV^o. CAPÍTULO



ASPECTO GERAL DO BAIRRO

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

A S P E C T O G E R A L D O B A I R R O

O Bairro da Quinta das Furnas, foi inaugurado oficialmente em 28 de Maio de 1946, mas só começou a ser habitado, cerca de dois meses depois desta data.

Ao voltarmos a esquina da rua de S. Domingos de Benfica, para a azinhaga das Furnas, andamos alguns metros, e logo a seguir deparamos com a entrada do bairro.

Entramos então num largo ajardinado, com os seus canteiros floridos e vistosos, a darem num tom alegre e festivo aos que chegam de fora!

À nossa direita temos o edifício do centro escolar, onde está instalada a Mocidade Portuguesa.

Mais além junto dum canteiro avistamos o marco do correio, sempre garrido e a dar bem nas vistas, no seu vermelho berrante.

À nossa esquerda fica o mercado.

Em frente temos a rua Engenheiro Gomes de Amorim com o seu casario dum lado e de outro.

As casas do lado direito tem nesta rua o seu jardim para a frente, as da esquerda tem-no para trás.

Saindo do largo e enveredando por um pequeno atalho mesmo junto ao mercado, vamos sair na rua das Tílias, situada nas trazeiras da praça e onde está instalado o centro social logo no princípio da rua.

O centro fica numa pequena altitude, possuindo uma escada, que dá acesso para a rua.

Mesmo junto ao centro há um terreno com uma cerca em volta, possuindo baloiços, um grande toldo e o chão com areia.

É o terreiro onde brincam as crianças do jardim infantil.

Um pouco mais para a frente, no fim deste terreno está situado o edifício do infantário e jardim infantil, que possui também uma escada pequena, que vai dar à rua das Tílias.

Deixando a rua das Tílias, e seguindo em frente do pequeno atalho mencionado, vamos ter a um largo espaçoso, onde está situado o edifício maior do bairro - o salão de festas.

As trazeiras do centro social deitam para este largo.

Atrás do salão de festas existe um vasto terreiro, onde os rapazes fazem ginástica, e outros jogos desportivos.

Neste largo há uma escadaria larga e comprida, que vai dar aos terrenos, que circundam a capela do bairro, situada num montículo que domina a quinta em toda a sua extensão.

Por detrás da capela ficam as escolas primárias.

A rua das Tílias continua em frente, com a serra de Monsanto a limitar os seus horizontes.

À sua direita, ergue-se o casario, com os seus quintais floridos; à esquerda a rua vai sofrendo vários cortes, onde vem desembucar outras ruas.

A primeira que sai das Tílias, é a rua das Oliveiras, ingreme e a subir, e que vem terminar perto dos terrenos que rodeiam as duas escolas.

A segunda é a rua das Faias, com as suas casas dum lado e de outro, ficando as da esquer-

da num plano mais alto que as da direita, e possuindo escadinhas com acesso para a rua. O terceiro corte das Tílias, é feito pela rua dos Salgueiros, que vem ficar paralela ás ruas das Faias e das Oliveiras.

A rua das Tílias vem finalmente terminar na rua das Nogueiras, situada no extremo do bairro, frente à serra, e cujas trazeiras das casas dão para os terrenos da linha férrea de Sintra.

Voltando ao largo, da entrada do bairro, e seguindo para o lado direito, encontramos paralelas à rua Eng. Gomes de Amorim, as ruas dos Ulmeiros, dos Freixos, dos Platanos, e dos Choupos, esta ficando na extremidade da quinta das Furnas, cujos muros vão confinar aí com as trazeiras das casas da rua S. Domingos de Benfica.

Esta última rua, possui também casas dum lado e doutro, e é uma rua das mais pequenas do bairro.

Uma das suas extremidades dá saída para um largo, onde estão situados os lavadouros, em número cêrca de 40, com um vasto estendal, com cordas para secar a roupa.

A rua dos Platanos confina também com este largo, pois é mais extensa em comprimento, que a rua dos Choupos.

Os tanques para lavar, são cobertos por um telheiro em zinco, protegendo assim as mulheres, que ali estão lavando, quer dos rigores do inverno, com as suas chuvas contínuas, quer do sol excessivo,

Os terrenos que circundam as escolas e a capela, estendem-se até à azinhaga das Furnas, e até ao muro, que confina com a quinta dos Milagres, e com a propriedade pertencente ao Casal do Sola.

São terrenos incultos, áridos, lembrando uma charneca e salpicados aqui e além dalgumas árvores, onde predomina sobretudo a oliveira.

Mais para baixo, junto à rua das Faias, e dos Salgueiros, existem terrenos cultivados pelos próprios moradores do bairro, alugados à Câmara Municipal pela pequena quantia de \$20 por m².

Não são porém muitos como se poderia supôr, devido à restricção da água, ordenada pela Companhia das Águas, que fez com que não pudessem os moradores do bairro, utilizar as bocas de incendio para regas, afim de se economizar o mais possível a água que abastece a cidade de Lisboa.

Quem quizesse podia levar os seus regadores já cheios de água, da sua própria casa, mas muitos não estão para se incomodar, e desistem do aluguer.

As diferentes bocas de incendio, espalhadas pela quinta, só podem ser utilizadas para limpeza do bairro, e para a jardinagem do mesmo.

O bairro da quinta das Furnas, lembra uma aldeia já civilizada, com as suas casas brancas de quintais floridos, a sua capelinha no alto do monte, e a brisa fresca que à tardinha vem da serra!

As ruas do bairro têm uma largura aproximadamente de 3 metros, sendo algumas delas arborizadas com oliveiras, como seja a rua que tem o nome desta árvore, e que é uma das ruas mais bem situadas, pois fica numa elevação donde se disfruta uma bela vista; a-

O flica um pouco mais afastada do resto do casario, tendo a rodé-la uma gran-
 ão de terreno, mais ou menos arborizado.
 Em candieiros de iluminação pública, e estho empedradas com pedra calcárea,
 Imperfeitamente. Brevemente porém este problema será resolvido pela Câmara
 1, com o calcetamento conveniente das mesmas.

missão de ação social dos bairros municipais

	G ^a (1942-48) da Calçada	B ^{oa} Vista (1942-48)	C ^a das Furnas (1946-48)	
serviços médicos (adultos)	12.863	15.932	2.803	serviços médicos (adultos)
partos	189	375	23	baieultura
tratamentos	76.097	119.448	8.360	movimento social
casas escritas	495	554	79	
tratamentos	15.151	30.769	1.800	
limentos (Kiló)	10.804	11.707	1.048	
idos	548	877	301	
idos atendidos	226	261	167	
atividades recreativas	168.400	11.600	10.606	
serviços médicos	597	659	128	Despesas em contas
serviços médicos	359	350	14	
as de trabalho	155	157	62	
Infantaria	310	340	30	
baieultura	252	132	26	
antinas				

V2. CAPÍTULO



EDIFÍCIOS PÚBLICOS E SUA ACÇÃO

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

O C E N T R O S O C I A L

O centro social fica situado no princípio da rua das Tílias. O edifício é também construído em lusalite, como todos os outros existentes no bairro.

Entremos no hall do edifício

A nossa direita temos, mesmo junto à porta que dá acesso para as escadas que conduzem à rua, a sala de espera.

É um compartimento não muito grande, com bancos de pinho ao redor da sala, e gravuras na parede com conselhos às mãis, sobre puericultura. Possui duas janelas com vista para a rua.

No fundo desta sala, há uma porta que dá acesso para um pequeno compartimento, - vestiário - das dirigentes dos diversos sectores do corpo social.

Partindo do hall da entrada, e seguindo para a nossa direita pelo corredor principal do edifício, entramos no gabinete da assistente social.

É uma sala clara e alegre, possuindo três janelas, duas das quais deitam para o terreiro onde brincam as crianças do jardim-infantil.

Tem uma secretária, um móvel ficheiro, outro de arquivo de documentos, e algumas cadeiras.

No mesmo lado, há uma ramificação do corredor, que conduz à casa de jantar, onde tomam as refeições os membros superiores do centro, e às instalações sanitárias, do edifício.

A sala de jantar está decorada e mobilada, com muito gosto, se bem que seja muito simples, e num género mais ou menos rústico.

Se em vez de seguirmos para a nossa direita, caminharmos para o lado esquerdo do edifício, temos logo no princípio do corredor, o lactário, compartimento que possui um guichet envidraçado para o hall, uma mesa grande com uma balança de bebés, um armário, cadeiras, e um balcão onde estão colocadas as latas de farinha. Possui uma janela para a rua. Logo a seguir do mesmo lado, temos a maternidade, uma sala clara, não muito grande, com três janelas, duas das quais deitam para a frente do edifício.

Tem duas camas, uma para a parturiente, outra para a parteira, um berço para o recém-nascido, uma banheira de bebé, um lavatório, jarros para água quente, mesa de tratamentos, possuindo os utensílios necessários, material de desinfecção etc.

Na parede há uma bonita imagem de Nossa Senhora,

feita por um

Brente ao lactário, há uma porta que dá para o consultório médico - sala pequena com a secretária do clínico, cadeira, maple, armário de ficheiro, e com uma porta para a sala de tratamentos eléctricos.

Esta sala possui aparelhos de radioscopia, ultra-violetas, infra-vermelhos, e ondas curtas.

As portas e janelas tem cortinas espessas de algodão em frente. As janelas desta sala,

do consultório, e da sala de tratamentos, dão para o largo onde está situado o salão de festas.

O consultório tem outra porta que dá para a sala dos tratamentos. É um compartimento, com quatro janelas, que possui uma marquesa, um armário pintado de branco, com utensílios de enfermagem como pinças, frascos de ventosas, etc., e alguns medicamentos; duas mesas com remédios, seringas, frascos de algodão etc.; um tripé alto onde fervem as seringas, uma pequena panela sobre um bico de gás; uma mesa com o aparelho para pneumotorax, cadeiras e dois reservatórios para eixo.

Há ainda neste edifício um pequeno compartimento para arrumações, e uma pequena cozinha, onde aquecem ou fazem os almoços para os membros do centro.

Pessoal do centro social -

assistente social
adjunta ao centro
estagiárias - auxiliares sociais ou assistentes
enfermeira puericultora e de clínica geral
enfermeira de fisiologia
criada
parteira.

—§—
O INFANTÁRIO E O JARDIM INFANTIL

O edifício onde estão funcionando a creche e o jardim infantil, fica situado perto do centro social, distando dele apenas alguns metros. O terreiro onde as crianças brincam separa os dois edifícios.

Entrando no infantário temos primeiro de tudo, o hall de entrada. Este possui apenas um sofá grande em madeira de pinho.

À esquerda há uma porta que comunica com um pequeno compartimento - o vestiário das crianças.

Possui cabides e prateleiras individuais, onde as crianças à chegada deixam as suas roupas, e vestem os bibes do jardim infantil, cadeiras baixinhas, ao alcance das crianças etc. Possui também uma janela para a rua das Tílias.

Em frente ao hall, há uma porta que dá para a sala, onde funciona a "casa de trabalho". Tem duas janelas para as traseiras do edifício, cadeiras pequenas, uma máquina de costura, uma mesa grande com a cadeira de mestra, um armário, quadros nas paredes etc.

Há jarras com flores sobre a mesa, e sobre o armário.

Seguindo pelo corredor, à direita temos a sala dos almoços, onde encontramos várias mesas e cadeiras baixinhas, adequadas à altura das crianças.

Na parede, há um escaparate com loiças regionais.

Há ainda na sala um armário claro, de aspecto moderno, que serve de guarda-loiça, uma chaminé encoberta com cortinados brancos de cassa, uma mesa que faz de trin-chante etc.

A seguir à casa dos almoços temos uma casa de banho, com três banheiras pequenas, um lavatório baixinho, uma mesa com os utensílios necessários ao banho das crian-ças e cadeiras. A janela tem vista para as traseiras do edifício.

Uma porta dêste quarto, comunica com a sala do infantário - casa grande, alegre, arejada, de tons claros.

Possui 4 janelas voltadas para a rua das Tílias, 8 berços, dois parques onde as crianças mais velhinhas brincam, várias cadeiras baixinhas, um armário onde se guarda a roupa do infantário, um irradiador eléctrico etc.

Em cima de cada berço, sobre a parede, está colocada uma imagem representando a Nossa Senhora, ou um anjo da Guarda, ou ainda um Santo protector.

Há também uma mesa que tem sobre ela, um cesto todo forrado com cassa, para a rou-pa dos bebés e algumas cadeiras.

Se em vez de termos seguido para o lado direito do corredor, caminhar-mos para o lado esquerdo encontramos uma cosinha, com todos os utensílios necessários à vida do infantário. Separada da cosinha por uma divisória envidraçada, está a casa dos engomados, e mais adiante as instalações sanitárias.

A seguir à cosinha, temos a sala do jardim - infantil com três janelas, e muito espaçosa.

É uma sala alegre e bem arejada. Na parede do fundo há uma porta grande, a comuni-car com o terreiro, e do outro lado, há outra mais pequena que comunica com as re-tretes.

Tem seis mesas com tampo em vidro, por baixo do qual estão colocados bonecos re-cortados de revistas e postais, e que dão um aspecto muito engraçado à sala.

Bancos baixinhos circundam as mesas das crianças.

Na parede em frente há um estrado, que conduz a uma pequena ardósia pendurada na parede.

Estas possuíam imagens suaves, e engraçadas, de crianças e de anjos.

Há uma mesa com gavetas, onde se guardam os trabalhos das crianças, tendo em cima uma jarra com flores a enfeitá-la; um banco com bonecos para puxar, uma salaman-dra a que se adaptou um tampo de madeira; onde se encontram bonecos de plasticina feitos pelas próprias crianças.

As janelas têm cortinas brancas de cassa, com bonecos nas barras a enfeitar.

P E S S O A L

Infantário	Jardim-infantil	Casa de trabalho
enfermeira puericultora criada	jardineira criada	mestra

A C Ç Ã O D O C E N T R O S O C I A L

No centro, há a considerar duas espécies de serviços - o serviço social propriamente dito, e os serviços médicos. Ambos colaboram intimamente formando no seu conjunto o trabalho médico-social.

Foquemos porém primeiramente a acção dos serviços médicos, que estão muito bem montados.

É geralmente através deles que os moradores do bairro tomam o seu primeiro contacto com o centro.

Quem preside e subsidia as despesas do material para o centro social, é a comissão de acção social dos bairros municipais.

Se porém houver despesas relativas à conservação do edifício, é a comissão administrativa que regula a questão.

O centro funciona das dez horas da manhã às cinco da tarde e tem as seguintes consultas: às segundas e quartas-feiras - às 4h consulta de puericultura

às terças e sextas-feiras às 10h - clínica geral

às segundas e quartas às 10h - consulta de tisiologia - clínica médica, pneumotorax etc. - Esta consulta abrange os três bairros - Furnas - Calçada - Boa-Vista.

Os doentes dos outros bairros vem à consulta na camionette que faz serviço nos mesmos.

Na primeira quinta-feira de cada mês, há consulta de obstetricia (pre-natal).

A pesagem das crianças, e distribuição de farinhas, é feita às quartas-feiras, pelas três horas e meia da tarde.

Os doentes, pagam pela consulta e pelos remédios uma determinada quantia; mas em certos casos em que fôr averiguado não poderem na realidade pagar, ou por desemprego ou nível económico muito baixo, ou por qualquer outro motivo, não são dispensados do pagamento dos mesmos, sendo porém o centro quem lhes dá um subsidio áfim de poderem pagar essas mesmas despesas.

Por cada consulta médica, os doentes pagam 1\$00 estando incluída a radioscopia, bem como o pneumotorax, quando é necessário.

Por cada tratamento eléctrico - 1\$00.

As radiografias custam 15\$00, e são tiradas na Junta da Provincia da Estremadura, aonde apresentam uma requisição do centro social das Furnas.

As análises custam 5\$00 cada, e são tiradas na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, aonde apresentam também uma requisição do centro.

A velocidade de sedimentação custa 3\$00, e é tirada nos serviços médicos do bairro.

Cada vacina custa - 1\$00.

Os remédios comprados no centro custam 3\$00 cada - porém nem sempre ali existem todos os medicamentos prescritos pelo médico.

1 decilitro de xarope - 1\$50

1 comprimido dum remédio - \$50

injecção de um só medicamento - 1\$00

20

injecção de mais de um medicamento - ex^o. cálcio+vit C - 1\$50

injecção de três medicamentos ou mais - 2\$00

Se as ampolas forem compradas pelo doente, as injecções são gratis - é o que sucede com a penicilina por exemplo.

As farinhas são fornecidas para uma semana, a troco da quantia de 3\$00, e a ração é dada segundo a idade, e as necessidades de cada criança, sendo o médico quem a recebe na consulta de Puericultura.

As farinhas mais correntes é o nestogéneo e a nestlé.

Na maternidade o parto custa 12\$50. Logo que os tratamentos à mãe e à criança estão concluídos, ambas seguem numa maca para a sua casa.

O período compreendido entre as 10h e as 13h, é destinado aos tratamentos e às injecções.

Nos dias em que não há consulta à tarde, o tempo compreendido entre as 14h e as 17h é destinado a tratamentos ao domicilio, e à organização e arranjo do ficheiro médico. Os tratamentos, e as consultas médicas, a doentes no domicilio custam o mesmo preço que no centro social.

Os médicos do centro são respectivamente:

Dr. Carvalho Andrea - consulta de clínica geral

Dr. Fernandes Homem - " " puericultura

Dr. Ricardo Horta - " " fisiologia.

Os doentes que querem ir às consultas médicas, vão na véspera à tarde inscreverem-se. Há fichas clínicas onde está averbada a história da doença, os antecedentes, e o diagnóstico respectivo.

Há ainda o ficheiro de Puericultura, com um gráfico de peso, etc.

Os doentes ficam na sala de espera até que chegue a sua vez. Vão sendo chamados por ordem da sua inscrição às consultas.

A comissão dos bairros dá actualmente por mês 1.350\$00 para as despesas e medicamentos dos serviços médicos, e um reforço em cerca de 375\$00.

Em caso de desarranjo num aparelho, ou de necessidade de renovação de material a comissão dá uma verba extra-mensalidade.

Anualmente, sob proposta da assistente, a comissão de acção social revê a mensalidade que pode ser alterada no caso de se ter verificado a necessidade dessa mesma alteração.

—§—

Quem preside ao serviço social do centro, bem como à orientação do mesmo, e dos seus anexos, é a assistente social.

A comissão de acção social dirige, e coordena, todo o seu conjunto.

A assistente, possui um ficheiro completo de todas as famílias do bairro. Como carece porém de ser actualizado, brevemente se irá proceder à renovação das fichas familiares

O sistema actual do ficheiro, é o seguinte: há verbetes a indicarem os nomes das ruas, por ordem alfabética. Em cada rua as fichas estão dispostas por ordem numérica das portas de habitação.

Queremos por exemplo procurar a ficha do senhor Augusto Jorge. Vamos à rua das Olivei ras ao nº. 19 e lá encontraremos a sua ficha familiar.

Nestas fichas fica averbado o seguinte:

Nome do chefe de família - idade - naturalidade - estado - instrução

" da mulher - " - " - " - "

" dos filhos - " - " - " - "

" das outras pessoas que com elles habitem e seu parentesco, etc.

Aspecto da casa, asseio, conservação e arranjo - nº. de camas

Situação económica

receitas - profissão - salário - despesas

Antecedentes hereditários

" pessoais

Vida social, moral e religiosa

Observações.

O serviço social do bairro pretende o mais possível melhorar e elevar as condições de vida dos seus moradores, quer no conjunto quer individualmente, usando de vários processos para a sua execução.

Para atingir os seus fins tem de lançar mão dos meios preventivos, curativos, constructivos e paliativos: - é um conselho que se diz, um subsídio que se dá, um emprego que se arranja, um problema que se soluciona, etc.

O papel do serviço social do bairro, consiste ainda, em dar uma certa ~~unidade~~ unidade aos habitantes do bairro, em saber aproveitar as forças do meio e colaborar com elas para o seu progresso moral, e físico, em conseguir melhorar as condições dos doentes nas suas casas, em ajudá-los a restabelecerem-se dum nível económico baixo ou mesmo perdido; em procurar ocupar o tempo livre dos rapazes e raparigas escolares ou não; em orientá-la nas suas capacidades profissionais, tendo sempre em vista a elevação física, moral, intellectual e religiosa, de todos elles!

—§—

O J A R D I M I N F A N T I L

A frente do jardim infantil está a jardineira de infância, e por vezes a ajudá-la (uma outra estagiária, que acabou à pouco o curso.

O horário é o seguinte: as crianças entram cêrca das 10 horas e saem pelas 16,30, 17 horas da tarde.

O jardim infantil é tão obrigatório como a escola, e tenta-se o mais possível que todas as crianças do bairro na idade pre-escolar, o frequentem, o que não sucede porém

na realidade.

A idade exigida para a sua frequência, é dos 3 aos 7 anos de idade. O jardim infantil tem como fim preparar a inteligência da criança para a sua entrada na escola. É como que uma aprendizagem pre-escolar, que mais tarde irá facilitar o raciocínio da criança, e a sua compreensão do mundo.

Notou-se que, na sua maioria, as crianças do bairro quando chegavam à idade escolar, vinham atrasadas intelectualmente, infantis de mais para a idade, dando como resultados não conseguirem nunca, ou quasi nunca, acabar a escola antes dos 12, 13 anos. Muitas passavam a primeira e a segunda classes, e estacionavam na terceira, altura em que a professora os obrigava a estudar mais. Por esta altura, os mais espertos passavam de classe, ficando os menos inteligentes, ou mais atrasados, de parte, até conseguirem nos outros anos seguintes fazer exame, e passar no 1.º grau de ensino primário. Daqui se depreendeu a necessidade de criar o jardim infantil - educação mais ou menos sensorial, constituída por jogos sensoriais etc., que desenvolvendo os sentidos, vão aperfeiçoando a inteligência da criança.

O programa do ensino infantil é mais ou menos este:

moldagem em plasticina
entrelaçamentos
histórias
educação sensorial - dados, jogos de cores, bolas, etc.
cantigas
desenho
brincadeiras ao ar livre
oração à entrada e à saída
repouso depois do almoço
aprendizagem das letras aos mais velhos pelo método João de Deus.

Exemplo dum horário:

Dia 20 - 8 - 49 - Sábado	
10 ^h às 10 ^h e 50 ^m	Revisão escrita
11 ^h às 11 ^h e 30 ^m	Jogos e cores
11 ^h 50 ^m às 12 ^h e 30 ^m	Entradas
Almoço - retorno	
14 ^h às 14 ^h e 50 ^m	moldagem
15 ^h às 15 ^h e 30 ^m	catequese
15 ^h 45 ^m às 16 ^h e 30 ^m	leitura

As crianças do jardim-escola tomam ali a sua refeição do almoço, e do lanche. Nem sempre porém foi assim. Primeiramente elas iam comer a casa à hora do almoço. Verificou-se contudo, que passados, 5 minutos ou 10 mesmo, já elas tinham tomado a sua refeição, aparecendo no Jardim com um bocado de pão na mão com azeitonas, ou então a roerem uma côdea com uma sardinha dentro. E nisto se resumia a refeição destas pobres crianças tão necessitadas de alimento!

Muitas mãis, trabalham fora do lar e não vindo a casa à hora do almoço, deixam qualquer coisa já arranjada para as crianças comerem. Outras vezes, é a irmã que fica em casa, não sabe cozinhar, e lá lhes arranja um naco de pão com um peixe frito, mais uma chávena de café.

Isto não sendo geral, abrangia porém muitas crianças que frequentavam o jardim infantil, e por esta razão, entidades competentes do centro, trataram de solucionar o problema.

O ideal seria certamente que essas crianças à hora do almoço fossem tomar contacto com a família, por meio da refeição, aonde pais e filhos se reunissem todos, para confraternizarem uns com os outros!

Verificado porém, que as crianças comiam deficientemente, e nem mesmo se reuniam com os seus - ou os pais não vinham almoçar, ou vinham mas muito à pressa, - solucionou-se este caso, criando uma refeição no jardim infantil.

À hora do almoço as crianças tem ali uma sopa forte, saborosa, exalando geralmente um cheiro muito agradável; os legumes e os farináceos são geralmente a base destas sopas. É a Legião quem fornece esta sopa, e a Obra das Mães envia o pão.

A refeição é assim constituída por:

- sopa - que as crianças repetem muitas vezes, dois a três pratos.
- pão - a acompanhar a sopa, ou então comem-no à parte.
- fruta ou doce de compota.

- Óleo de fígado de bacalhau é também ministrado a todas as crianças, às refeições - remédio de triste sina - fonte de "castigos e de choros"! Algumas crianças porém, tomam-no muito bem, chegando ao ponto de lambem a colher mais que uma vez...

À merenda as crianças têm uma papa de farinha lactea com pão, ou fruta.

A refeição do almoço, não sendo má, não é sem dúvida uma refeição ideal - em vitaminas, em proteínas, em gorduras, em hidratos de carbono, e em calorias.

Não podemos porém esquecermo-nos das possibilidades orçamentais do centro, que não pode exceder uma determinada quantia. Por outro lado temos que ter presente que a comissão de acção social dos bairros municipais, também não pode ir além da verba fixada.

Daí o não estar resolvido ainda totalmente, este problema de caracter alimentar.

As crianças no entanto, como se pode depreender, não ficam mal alimentadas, e além disso não nos esqueçamos que esta refeição é muito superior, à que as crianças têm em suas casas a esta hora do almoço.

Algumas crianças, em número muito reduzido, vão a casa depois da sopa do jardim, acabar a refeição.

Algumas mãis, queriam até ir levar-lhes ali o almoço. Porém era deseducativo, e anti-

-social, as outras crianças estarem a ver estas comerem outros acepipes, que elas não tinham.

Ficou pois resolvido, que as crianças cujos pais pedem para ir a casa, vão almoçar fora do jardim-infantil.

Estes pedidos são porém muito raros, não chegar a meia dúzia sequer!

Os pais pagam semanalmente 4\$50, pela estadia das crianças ali, não chegando mesmo a pagar quantia alguma aquêles que estiverem atravessando uma crise económica ou de desemprego, porque o centro lhes concede um subsídio para este mesmo fim!

As refeições no jardim-escola têm além dêste, outro objectivo de character educativo. As crianças aprendem ali, a saber comportar-se bem à mesa, a rezarem antes e depois das refeições, bem como certos preceitos de ordem higiénica, como seja a lavagem das mão antes e depois das refeições, e o não aparecerem desgrenhados e sujos na mesa do almoço.

É consolador notar, que ao fim dum ano de trabalho, já se vêem progressos na conduta das crianças, que frequentam o jardim-escola.

Todas as crianças depois do almoço, tem o seu tempo de repouso, que é feito na própria sala onde elas passam o dia.

Tem também os seus períodos de brincadeiras ao ar livre, no terreno ajardinado, e de chão de areia, que circunda o edificio. Este possui um toldo de lona para proteger as crianças do sol, e que fica no meio do terreiro, e baloiços, em número de três.

A média das crianças que frequentam o jardim anda à volta de 30 a 40.

O I N F A N T Á R I O

O infantário funciona desde as 8 horas da manhã ás 7 horas da noite.

Ele é destinado exclusivamente, para aquelas crianças, cujas mãis trabalham fora do lar.

Se porém a criança tem em casa quem tome conta dela, como seja uma avó, uma tia, uma irmã já crescida, etc., não vai para a crèche, e fica sendo vigiada pelo centro social.

Só no caso de não haver ninguém no lar, que possa tomar conta dela, é que a criança vai para a crèche. Foi proibida a ida das crianças para casa das vizinhas, por se ter verificado que isso só prejudicava a saúde física, e moral, da criança.

Os pais pagam diariamente a quantia de 2\$50, pela estadia das crianças ali.

Felizmente porém, há determinadas fases do ano em que chega só a haver cêrca de um a três berços preenchidos, por se ter conseguido mais ou menos, que haja alguém em casa capaz de cuidar das crianças, quando a mãe está trabalhando fora.

À frente do infantário está um elemento da equipe de trabalhadores sociais, que vi-

gia, e regula, o seu funcionamento.

A enfermeira puericultora, faz os tratamentos, pesagens e medições dos bebés, vigiando sobretudo a saúde física da criança.

Uma criada, é encarregada de todos os serviços que digam respeito à sala do infantário.

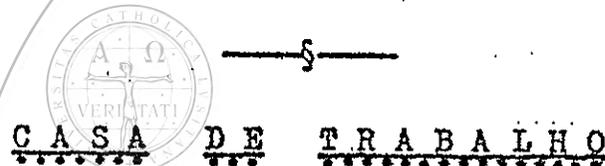
As crianças mais velhinhas, têm dois parques, onde podem estar sem perigo, com alguns brinquedos.

Quando chegam, as crianças despem o seu vestuário, trocando-o, pela roupa própria da creche ou infantário.

Os bebés tomam ali todas as suas refeições, compreendidas entre as 8 horas da manhã e as 7 horas da noite.

A alimentação destas crianças é muito boa, e é feita expressamente para elas, na cozinha do edifício da creche.

No inverno, um irradiador eléctrico, protege as crianças contra o frio.



À frente da casa de trabalho está a mestra.

Esta casa destina-se às raparigas em idade escolar, sendo os pais aconselhados a mandá-las ali depois das aulas. Todas as raparigas em idade escolar passam pois pela casa de trabalho, em horas alternadas com as da escola.

A casa de trabalho tende a ter uma acção complementar da escola.

Ali, elas aprendem labores e corte, sendo as próprias que fazem os seus bibes, bem como a roupa da creche algumas vezes.

Aprendem também a cortar, e a cozer, afim de ficarem aptas para fazerem o seu próprio, vestuário.

Todas as rapariguinhas pagam 4\$50 por quinzena, pela sua estadia ali.

No ano próximo, vão ser organizadas umas aulas especiais para as pequenas da casa de trabalho, afim de as interessar, e habilitar para a sua missão futura, de mulheres, de esposas e de mãis.

Estas aulas, consistirão sobre economia doméstica, cozinha, noções de higiene e de puericultura, e primeiros socorros de enfermagem.

A. S. ESCOLAS

As duas escolas, feminina e masculina, ficam situadas respectivamente no terreno que circunda as trazeiras da capela.

São 2 edifícios, fronteiros, da mesma fabricação em lusalite e separados por uma rua larga e arborizada com algumas oliveiras.

Ambos são idênticos, havendo apenas a diferenciá-los o número de carteiras na sala de aulas, que é superior na escola masculina.

O que se disser portanto acerca dum edifício, é o mesmo para os dois.

O edifício escolar feminino, possui uma entrada com um alpendre, para onde vem dar di versas portas - a porta da cantina, da sala de aulas, das instalações sanitárias e da cozinha.

A sala de aulas é grande, e espaçosa, e possui oito janelas ao longo da fachada principal, que a tornam assim arejada, e com boa luz.

A sala de aulas, possui vinte carteiras, comportando estas, dois alunos cada uma, estando dispostas em três fileiras ao longo da sala.

Cada aula leva portanto uma média de 40 crianças.

A sala possui ainda um estrado grande onde está situada a secretária da professora, uma ardósia grande na parede, e um calendário.

Na parede por cima do estrado, estão as figuras de Carmona e Salazar, e um crucifixo.

Na parede do fundo, está um mapa geográfico de Portugal continental, e suas colónias.

No tecto estão suspensos 4 globos eléctricos.

A escola possui 2 professoras - uma para as aulas da manhã, outra para as da tarde.

No ano lectivo passado a primeira e terceira classes funcionavam da parte da manhã, a segunda e quarta classes, da parte da tarde.

O entendimento entre os pais e professores, é sobretudo feito através do centro - se há qualquer coisa a comunicar aos pais, o contacto entre estes e a professora, é feito através do mesmo. Isto não quer dizer porém que num ou noutro caso, o contacto não se faça directamente.

A escola possui alunos do bairro, e dos arredores - estes porém não são mais que dez crianças.

O horário da escola é o seguinte:

1ª. e 3ª. classe - das 9h. às 12h. e 15m.

2ª. e 4ª. classe - das 13 h. 15m. às 16h. e 30m.

No mesmo edifício existe a cantina escolar.

É uma sala não muito grande, com oito janelas, duas das quais dão para as trazeiras do edifício.

Possui três mesas com tampo em pedra rosada, bancos pintados de azul, escaparates nas paredes com loiça regional, e cortinas floridas nas janelas.

Esta sala comunica com uma pequena cozinha, onde está guardada a loiça da cantina, e se aquece a comida, quando não vem quente.

As refeições são idênticas às do jardim-infantil.

No edifício existem ainda as instalações sanitárias para as crianças.

As refeições na cantina, assistem a assistente ou a mestra da casa de trabalho etc.

O objectivo da cantina é o mesmo que o do jardim-infantil:

- refeição a crianças mal alimentadas
- aprender a estar à mesa
- oração antes e depois das refeições
- lavagem das mãos.

O turno da tarde, almoça primeiro que o da manhã.

As raparigas e rapazes, que frequentam a 2ª. e 4ª. classe, seguem respectivamente da casa de trabalho, e da sala de estudos, para a cantina escolar, donde transitam depois para a escola.

Aquêles que frequentaram as aulas da manhã, seguem depois do almoço na cantina, para as suas respectivas secções de casa de trabalho, ou sala de estudos.

Cada edifício escolar possui a sua cantina própria.



CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

A C A P E L A

A capela do bairro, fica situada numa elevação, e tem acesso para um largo, através duma longa escadaria.

Há um terreno ajardinado a rodeá-la, e onde se encontra uma cruz branca de pedra. Dêste local disfruta-se uma vista linda sobre os arredores.

O Jardim Zoológico, a serra de Sintra, Benfica com as suas matas, Palma de Baixo, Instituto do Cancro, o Hospital Escolar, Cruz da Pedra, O Calhau, o Casal do Sola, o Bairro da Liberdade, e o Aqueduto das Águas Livres, Campolide e o seu quartel de Caçadores 5, a linha férrea do norte, o Monsanto etc. ficam patentes aos nossos olhos!

A capelinha, lembra uma igreja de aldeia, com a sua situação sobre o monte, o seu sino no alto do campanário, e a simplicidade do seu interior.

A fachada principal, tem uma porta larga de madeira, e pintada a azul, e um vitral dum feitio dum hexágono com uma cruz dourada ao meio. Por cima do campanário, uma cruz com iluminação eléctrica para os dias de festa.

Ao entrarmos, temos a sensação dum ambiente recolhedor, e familiar ao mesmo tempo.

Duma grande simplicidade não deixa de ter o seu encanto, e a sua beleza!

O interior da capela convida à oração.

Bancos de pinho estão dispostos em fileiras ao longo da capela. À esquerda, temos um altar com S. José e o menino Jesus, à direita está Santa Teresinha.

Nas paredes vitrais; junto à porta principal fica a pia batismal, rodeada por uma grade de madeira. Do outro lado jaz o confessionário, perto do qual se encontram umas escadas que conduzem ao côro.

Os tetos são altos, e dêles estão suspensos cinco globos de electricidade, dispostos ao longo da capela.

O altar-mór é também em pinho, possui jasras com flores, e castiçais de ferro forjado a rodearem o tabernáculo. À esquerda um altar, com a imagem de Nosso Senhor, à direita outro com Nossa Senhora.

Junto ao altar-mór, pende do teto, uma lamparina com armação em ferro forjado.

À direita do altar-mór, fica uma porta que vai comunicar com um pequeno cartório, onde se fazem os registos dos casamentos, e dos batismos.

Esta sala possui uma secretária, um sofá, um armário, e uma porta que dá acesso para o largo, onde estão situadas as escolas.

À esquerda do altar, há outra porta que conduz à sacristia. É um compartimento muito pequeno, com um móvel onde estão guardados os paramentos, e outros objectos de liturgia;

dum banco; um sofá; um lavatório; cabides, crucifixo e uma pequena bacia de água benta.

A sala da sacristia, tem também uma porta, que vai conduzir através duns degraus, ao terreno ajardinado, que circunda a capela, e que fica fronteiro às escolas do bairro.

O SALÃO DE FESTAS

O salão de festas é o edifício maior de todo o bairro.

O Bairro da Calçada, e o da Boa-Vista, não possuem este edifício, vindo fazer as suas festas e representações ao Bairro das Furnas.

Possui uma sala grande, espaçosa, e por entra o ar e a luz a jorros, através duma série de janelas bem rasgadas para a fachada principal, e lateral do edifício.

É nesta sala, que tem lugar as festas dos bairros municipais acima mencionados.

Possui um palco muito razoável, e bem arranjado, mesas e cadeiras - sofás de madeira; tem telefonia, armário onde se guardam os jogos, etc.

É um salão alegre, e confortável.

Anexa a esta sala, existe uma biblioteca que ainda não começou a funcionar primeiro por carência de livros, depois por falta de entusiasmo.

A biblioteca é do género "popular" contendo livros de recreio, formação, e cultura simples.

No mesmo edifício está instalada a secretaria da comissão administrativa dos bairros.

As reuniões dos membros da comissão, de acção social, e administrativa dos bairros, em tomam parte as assistentes sociais, são realizadas na sala da biblioteca.

Há ainda a mencionar o balneário com a sua secção feminina, e masculina, e que fica situado também neste edifício.

Foi inaugurado a vinte e nove de Abril do ano corrente, e no espaço de quatro meses, tomaram ali banho cerca de 125 adultos.

As quarta-feiras e sábados há banho obrigatório para as crianças da escola e do jardim-infantil.

Levadas espontaneamente pelos pais, foram ao balneário, cerca de 16 crianças até à data de 29 de Agosto.

O balneário está instalado nuns compartimentos que serviam outrora de arrecadação.

A secção masculina, está separada da feminina, e cada uma possui cerca de dois chuveiros de água quente, e duas casas de banho.

Os balneários foram criados pela seguinte razão:

- os habitantes possuem nas suas casas chuveiros de água fria, mas não se servem geralmente deles, sobretudo no tempo frio, porque não tem canalização de água quente e não gostam de tomar duchas frias.

Foram então criados os balneários de chuveiros de água quente afim de a limpeza e a higiene, não serem desprezadas, e esquecidas pelos moradores do bairro.

O número de adultos que ali vai não é porém ainda satisfatório.

CENTRO EXTRA - ESCOLARMOCIDADE PORTUGUESA

O edifício onde está instalado o centro extra-escolar fica situado defronte do mercado.

A Mocidade Portuguesa escolar funciona na própria escola.

A Mocidade Portuguesa extra-escolar, funciona numas dependências deste edifício.

A frequência à primeira é obrigatória, para os dois sexos na idade escolar.

A segunda, é absolutamente livre, sendo voluntários os que lá comparecem.

A acção da M. P. não é benéfica, para os habitantes do bairro, como poderia ser, por que não quer colaborar com o centro social.

Isto dá como resultados, as crianças faltarem à catequese e à missa, prejudicando ao mesmo tempo o trabalho dos membros do centro, neste aspecto.

À hora da missa organizam passeios, sessões de ginástica, jogos desportivos, etc., o que afasta as crianças da capela, e de cumprirem os seus deveres religiosos.

Com a catequese sucede o mesmo, e as crianças hesitam entre esta e a Mocidade, tentando-se é claro, pela segunda, onde vão brincar e se divertem mais!

O físico é o elemento cultivado ali. O moralífera descuidado, e a acção da M. P. neste aspecto é nula.

Passeios à praia ou ao campo, ginástica, jogos, salas onde as crianças se podem reunir para jogar, é em que se resume a sua acção.

Isto tudo devido aos dirigentes estarem mal preparados, incompetentes para o papel que estão desempenhando, ao mesmo tempo que pouca acção e interesse tomam sobre as crianças.

Tem havido várias reclamações por parte do centro social neste aspecto, mas por enquanto o problema não foi ainda solucionado.

A Mocidade está trabalhando à parte, estipulando os seus horários, sem qualquer colaboração ou coordenação com a acção social do bairro.

Podendo fazer bem, só prejudica, e torna infrutífero, o trabalho do centro, em relação às crianças.

Se estivesse bem organizada, e com dirigentes competentes, a Mocidade, poderia ter aqui no bairro uma acção esplendida.

Se o seu programa, e objectivo, estivessem bem organizados, orientados, e postos em prática, as crianças só teriam a lucrar com isso, e além disso poderia ser um auxiliar do centro social, no papel educativo das mesmas.

Na mocidade feminina escolar as raparigas aprendem cantigas, e no resto do tempo fazem em geral problemas ou contas com a professora.

Na mocidade masculina escolar também por vezes o que se faz são problemas, escrita, etc.

Ora o objectivo da Mocidade não é certamente este, mas sim uma acção complementar educativa da escola, e não fazer somente ditados ou contas.

É este um dos problemas do bairro ainda não solucionados, e que muito carece de uma reforma neste aspecto!

—§—

S A L A D E E S T U D O S

No mesmo edificio onde está instalada a Mocidade extraescolar, há uns compartimentos reservados à sala de estudos masculina.

O objectivo destas salas é identico à casa de trabalho feminina - ter uma acção complementar da escola.

Alí, as crianças fazem os seus trabalhos escolares, ao mesmo tempo que aprendem a fazer desenhos, trabalhos manuais, etc.

As salas de estudo funcionam depois de terminadas as aulas, e a elas preside a adjunta ao centro social, ou na sua falta outro membro do centro.

Depois da idade escolar, as raparigas são ainda acompanhadas pela assistente, e reúnem-se em reuniões sobre a sua presidência, reuniões a que se procura dar um ambiente familiar, e em que a assistente não é para elas ali mais que uma irmã mais velha, que as procura aconselhar, e orientar nos seus múltiplos problemas.

As reuniões tratam de todos os assuntos, os mais diversos, que as interessarem, e em que há embora disfarçada certa dose de formação moral, que as possa ajudar a formarem-se, e a orientarem-se sãmente na vida.

São por vezes até as próprias raparigas, que apresentam as suas dúvidas, ou os seus problemas à assistente social, que procura resolver e esclarecer todas as suas confusões "teias de aranha".

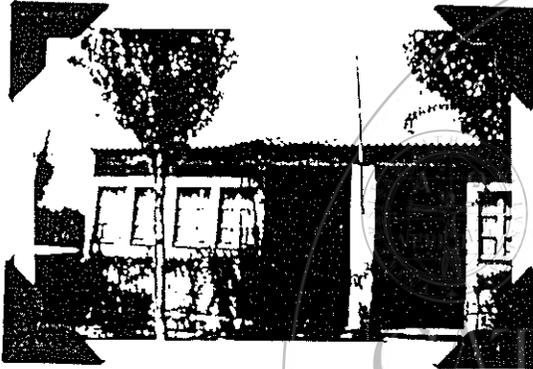
Muitas destas raparigas, já estão empregadas em fábricas, modistas, etc., havendo porém algumas que trabalham nas suas casas.

Terminada a escola, os rapazes de 15, 16, 17 anos não têm quem os guie e acompanhe, como sucede nas raparigas. Isto porque há falta dum monitor para eles. Era preciso um rapaz bem formado, e já crescido, que dedicasse umas horas do seu dia, à formação destes rapazes, a quem tantos problemas e dúvidas, começam a aparecer nesta altura.

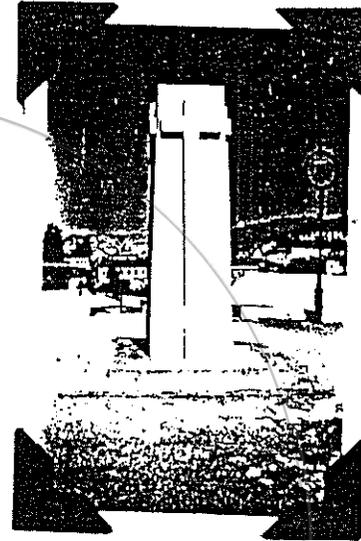
A maioria estão já empregados em fábricas, oficinas, etc., cercados dum ambiente mais ou menos mau, e de companheiros mais velhos e mal intencionados, que muitas vezes os influenciam, e querem desviar para um caminho mau por onde eles não devem seguir.

Tem sido porém muito difficil, encontrar um rapaz que satisfaça convenientemente este objectivo, daí o problema do monitor não estar ainda resolvido, ficando os rapazes

depois da escola abandonados de qualquer acção educativa, e moralizadora.
 Uma rapariga já não pode nesta altura ter uma acção destas sobre eles. Daí o ser necessário um monitor.

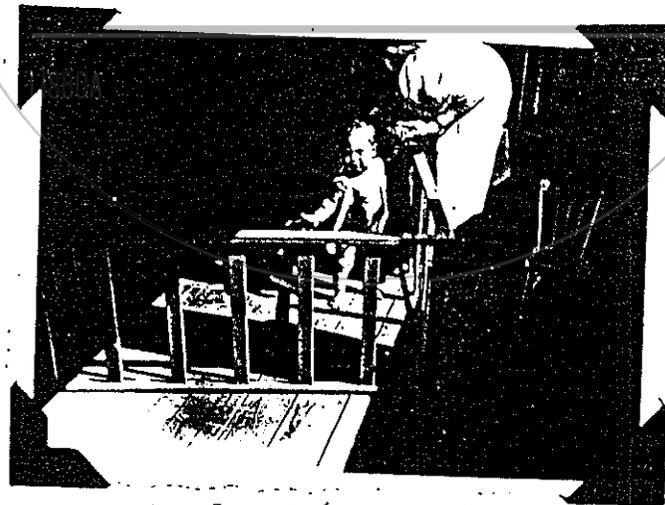


centro escola-escolas



o altar

CATOLICA
 CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
 PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING



infirmary

O MERCADO

O mercado fica situado mesmo junto ao largo no qual se encontra a porta de entrada. Possui vários lugares de hortaliças e frutas, tem peixaria, padaria, talho, e anexa ao mercado há ainda uma mercearia e uma taberna, ambas muito pequenas.

O mercado abastece a população bairrista, e a dos arredores, ou ainda quem quiser lá ir.

Os donos dos lugares, pertencem na maioria a pessoas não moradoras no bairro. Há porém algumas mulheres daqui, que estão ali na venda da hortaliça ou do peixe.

Quem é proprietário dum lugar no mercado, paga contribuição à Câmara, como em qualquer outra praça pública.

Este encontra-se mais ou menos bem abastecido, tem um certo movimento, mas ao mesmo tempo não é ruidoso e barulhento como os demais.

Funciona de manhã e de tarde, fechando juntamente com a mercearia e a taberna, cerca das 19 horas.



IMPRESSÕES GERAIS

Todos os edifícios descritos até aqui, à excepção da capela e do mercado, possuem cortinas e gelosias azuis nas janelas.

Todos êles se encontram também na maior ordem e asseio, mobilados por vezes até com uma certa graciosidade.

Quando o bairro foi inaugurado ainda não existiam, nem tinham ainda sido fundados todos êstes edifícios mencionados.

A pouco e pouco porém foram-se inaugurando conforme as necessidades que iam surgindo. O centro social foi inaugurado em Julho de 1946, dois meses depois da inauguração oficial do bairro.

O pessoal que se encontra ao serviço do bairro além daquele já mencionado é o seguinte:

fiscal	-	1
vigilante	-	1
jardineiros	-	2
mulheres de		
limpeza	-	3

VII. C A P Í T U L O



A H A B I T A Ç Ã O
C A T O L I C A

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA,

A nova unidade política e social -
- a família há-de possuir além do bra-
ço ou do cérebro que lhe dá o pão, a
casa própria, que a abrigue, que a de-
fenda, que lhe dê o bem-estar e com
ele o sentido da conservação e da res-
ponsabilidade social de contribuir pa-
ra o bem comum.

ENG. DUARTE PACHECO

H A B I T A Ç Ã O

O bairro das Furnas possui, como atrás já foi dito, duzentas e oitenta habitações. Nestas há a considerar, 4 tipos de casas.

36	-	pertencem	ao	tipo	1
96	-	"	"	"	2
27	-	"	"	"	3
21	-	"	"	"	4

Os moradores dêste bairro pagam mensalmente a seguinte quantia:

90\$00	-	casa	tipo	1
100\$00	-	"	"	2
110\$00	-	"	"	3
120\$00	-	"	"	4

Além da renda da casa, os habitantes pagam ainda pela sua estadia alí no bairro, a reduzida quantia de 3\$00, destinada ao fundo de Assistência.

As casas são todas idênticas, diferindo apenas no número de quartos.

Todas elas possuem casa de banho - com retrete, lavatório e chuveiro - e sala de entrada que faz ao mesmo tempo de cozinha e de casa de jantar, pois é ali que se encontra a chaminé com o seu poial, e as prateleiras ou pregos, onde se colocam as panelas e os tachos.

O centro social possui uma verba disponível para em certos casos de doença, ou morte do chefe da família, ou crise económica grave, poder auxiliar os moradores no pagamento da renda da casa. O mesmo como vimos já, sucede para as consultas, crèche, etc.

Todas as casas são construídas em lusalite - as suas paredes são compostas de painéis de fibro-cimento, que se armam no local.

A Câmara escolheu êste material por ser mais barato, e por as casas ficarem susceptíveis de se desmontarem para outro lugar, em caso de necessidade.

Estas moradias têm porém um inconveniente: - são excessivamente quentes no verão, frias e húmidas quando chega o inverno.

Devido a isto a Câmara aboliu para o futuro o emprego de lusalite em construções desta natureza.

Todos os compartimentos das habitações possuem janela, bom arejamento, e luz abundante.

A casa tipo 1 é destinada a um casal, ou a uma pessoa só. Possui um quarto em geral com duas janelas, e razoável em tamanho, se bem que não seja grande. Além dêste compartimento tem a cozinha ou sala de entrada, e a casa de banho.

A casa tipo 2, destina-se a um casal com um filho só ou com dois do mesmo sexo.

Tem dois quartos, fora a cozinha, e casa de banho que é geral em todas.

Casa tipo 3, tem três quartos, e destina-se a pais com mais de um filho e de sexos diferentes.

A casa tipo 4 tem quatro quartos, e é destinada a pais com vários filhos de sexos di-

ferentes, ou não.

Todas as moradias possuem o seu quintal mais ou menos bem arranjado, pois isso depende do gosto e da paciência, de cada um dos habitantes.

A maioria estão bem arranjados, com certo gosto até, repletos de vegetação, alguns com uma árvore, como seja a figueira, com trepadeiras, vasos e canteiros com flores etc.

Os quintais das casas da rua das Oliveiras, tem por exemplo algumas destas árvores, o que dá uma certa sombra à casa, e os protege um pouco do calor.

A hortalica, é mais ou menos cultivada por todos eles, predominando as couves, as cenouras, o feijão verde, rabanetes, alfaces, tomates, abóboras etc.

Algumas das casas que ficam nas extremidades das ruas, possuem um quintal maior que os outros, mas os seus moradores não pagam mais qualquer quantia por isso. Foi uma questão de sorte, o habitarem essa casa.

As habitações, não possuem contador de água nem de electricidade, visto estes dois elementos estarem incluídos já na renda da casa.

As casas só têm porém iluminação eléctrica na cozinha, ou seja na casa de entrada. Como porém todos os compartimentos de habitação têm porta de comunicação com o vestíbulo, não deixam de ficar também mais ou menos iluminados.

A luz eléctrica das casas segue o horário da iluminação pública do bairro, que é o mesmo em toda a cidade.- começa a haver luz ao anoitecer, e deixa de haver de madrugada, logo que o sol começa a surgir no horizonte da cidade.

Esta restrição de luz eléctrica nas casas, tem como fim evitar desleixos e abusos, por parte dos seus habitantes, durante o dia.

Os quartos se bem que não tenham luz própria, ficam regularmente iluminados à noite com a luz de entrada.

A maioria dos habitantes usa candeeiro de petróleo, quando necessita de uma intensidade maior de luz, nos diferentes compartimentos.

De dia, a casa fica bem iluminada com a luz do sol, entrando a jorros através das janelas.

Quanto à água, não há restrição, a não ser as recomendações da Companhia das águas, a todos os habitantes da cidade de Lisboa, afim de a economizarem sempre que puderem. As casas possuem um único centro de despejo de águas e outros objectos, que é a retrete.

Têm água canalizada, com torneira na chaminé e no lavatório da casa de banho e no chuveiro.

A maior parte das habitações encontra-se em ordem, e com certo asseio e limpeza.

Há uma ou outra menos cuidada, mais suja, mas muitas estão até engraçadas, e arranjadas com certo gosto, se bem que sejam todas muito modestas.

Cortinas brancas nas janelas, cortinas floridas a encobrirem a chaminé, dando assim a sensação de casa de jantar à cozinha, por vezes até cortinados a tapar as portas, é muito geral encontrarmos.

Toalhinhas e naperons sobre as mesas e móveis, loiças e pratos a enfeitarem, gravuras, e retratos nas paredes, almofadas nas cadeiras, copos e chávenas a reluzirem através dos vidros dos guarda-loiças -, também se vêem aqui e ali, em muitas das habitações. As portas das casas, estão na sua maioria cobertas com uma rede, - para evitar a entrada das moscas, ou doutros insectos. É rara a casa que não possua uma rede destas. As portas e os caixilhos das janelas das habitações, estão pintados, tendo cada rua a sua côr.

Há portas pintadas a vermelho, verde, azul, etc., sendo este último a côr predominante no bairro.

Os habitantes, não podem abrigar animais em casa, nem tão pouco terem capoeiras nos seus quintais.

Cães, gatos, aves de capoeira, toda essa bicharada foi proibida, e isto para evitar maus cheiros, falta de limpeza, e aglomeração de insectos, que tornava as habitações insalubres.

Essa proibição, foi resultante das experiências já iniciadas no bairro da quinta da Calçada, em que há o exemplo de uma família, que fazia a casa de banho de cocheira, onde abrigava um burro.

Se há alguém que possua um cavalo, ou burro para carroça, podem pô-lo no bairro, nos campos que o rodeiam, desde que não vão prejudicar a vizinhança.

Há vistoria às casas, feita acidentalmente pela policia municipal, afim de não se criarem inimizades com a assistente social, ou com outros membros do centro, no caso de serem os seus executores.

A vistoria, tem de ser rígida e justa, afim de evitarem abusos por parte da população.

A assistente social, quando faz as suas visitas às famílias, pode também observar muita coisa e, dar conselhos e fazer as observações devidas.

A limpeza das ruas é feita por empregados da Câmara, da mesma forma que o lixo é iliminado logo de manhã pelas viaturas da C. M. L.

As casas não são mobiladas pela Comissão dos Bairros como succedeu na Quinta da Calçada e também na Boa-Vista, mas sim por cada um dos seus habitantes.

Como na quinta da Calçada a maioria das famílias que foi habitar inicialmente o bairro vinha de casas de lata, e não possuíam senão caixotes, ou mobílias semelhantes, embora houvesse algumas excepções, a Comissão dos Bairros, resolveu mobilar as casas.

No bairro das Furnas não succede o mesmo, pois as famílias que aqui vivem se bem que modestas, já têm um nível económico superior a essas atrás mencionadas, possuindo já alguma mobília.

Todos os quintais, possuem uma cerca ou um gradeamento em volta, a definir os seus limites.

A pintura das portas e caixilhos das habitações está um pouco desbotada, carecendo dum renovação.

As casas são dum branco acinzentado, e têm aspecto alegre e asseado.

Os telhados são de zinco, pintado de branco.

O bairro toma assim um cunho especial que o vai distinguir de todo o casario que o ro-

deia.

Ar livre, sol, água, higiene, ordem, limpeza, são características que a quinta das Furnas tenta desenvolver o mais possível!

E não fica por aqui...ela ambiciona ainda muito mais, para bem e remodelação dos que a habitam!

—§—

M E I O S D E T R A N S P O R T E E C O M U N I C A Ç Ã O

O Bairro das Furnas fica a cinco minutos da estrada de Benfica, onde circulam os carros eléctricos das linhas Restauradores-Benfica, e Restauradores-Jardim Zoológico. A paragem dos eléctricos mais próxima é a que fica fronteira ao Jardim Zoológico. Os habitantes dali que desejam tomar o comboio da linha do Norte, têm a estação mais próxima em Sete-Rios. Os que querem tomar o comboio da linha de Sintra, têm a estação em Benfica na avenida Gomes Pereira.

O Bairro fica assim muito acessível, em transportes e comunicações. Contrariamente a este, o bairro da Boa-Vista, e o da Quinta da Calçada têm o defeito de ficarem pouco acessíveis em transportes, ao mesmo tempo que as estradas que a eles conduzem, são escuras à noite, desertas, mal calcetadas, tornando-se no inverno um lamaçal.

A Boa-Vista dista do Calhariz de Benfica, cerca de 50 minutos, e a Quinta da Calçada dista de Palma, aproximadamente o mesmo. Muitos dos habitantes que habitaram esses bairros, e hoje estão nas Furnas atribuem os seus reumatismos e as suas broquites crónicas, à chuva e temporal que durante o inverno apanharam ao percorrerem as estradas que levavam aos bairros.

VIII. CAPÍTULO



POPULAÇÃO E SUAS ACTIVIDADES

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

A POPULAÇÃO

A população do bairro é mais ou menos a seguinte: uma média de quatro pessoas por habitação num total de 1.120 habitantes.

natalidade	mortalidade	Casamentos Religiosos
1946 (Dez) — 4	1946 a 1948	1946 (julho a Dez) — 2
1947 — 17	óbitos — 19 total	1947 — 23
1948 — 14	adultos — 16	1948 — 14
1949 (at. Set) — 8	crianças — 3	1949 (at. Set) — 15

A população é muito heterógenea, não possui tradições nem características especiais, que a possam caracterizar ali no bairro.

Este, ainda de construção tão recente, que as famílias mais antigas, datam apenas de há três anos.

Famílias vindas dum meio rural; de casas demolidas na cidade, de furnas do Monsanto e doutros sítios; de casas de lata; homens saídos da prisão, rapazes de reformatórios, raparigas de casas de regeneração, seminaristas, famílias de nível moral superior, inferior; etc.; eis a população tão diferenciada por que é constituída o bairro!

Parte da população que hoje habita a Quinta das Furnas transitou doutros bairros municipais a saber: Boa-Vista e Calçada.

Só geralmente em casos de urgência, como por exemplo famílias desalojadas, devido a obras de urbanização na cidade; etc. é que estas vêm directamente aqui para a quinta, sem terem transitado pelos bairros de 1.ª. escalão, onde é feita a primeira depuração

social, quer material, quer moral.

O objectivo primordial dos bairros, é porém a transição em ordem ascendente, até chegarem ao último grau da subida iniciada, à habitação estacionária onde poderão depois permanecer definitivamente.

O Bairro das Furnas, é de transição, não é definitivo; e se bem que elles não tomem assim como é natural um grande apêgo à sua casa ou ao bairro, no entanto esta falta de estabilidade ajuda-os a procurarem elevarem-se mais, material e moralmente, até chegarem à altura de poderem transitar para melhor, e definitivamente!

Contudo, se bem que elles saibam que não ficarão ali sempre, e que um dia mudarão para outro sitio, a maioria, mostra um certo amor à sua casa, cuidando dela com carinho, bem como dos quintais, sempre revestidos de vegetação, e onde se nota a mão de alguém, que se interessa e cuida d'elles, como se fossem seus, para todo o sempre.

Quando é recebida ordem de mudança, lá seguem o seu caminho serenamente, sem grande desgosto, natural em quem já está preparado desde o início da entrada, para nova transição, e em quem segue para melhor.

Há meses quando foram inaugurados os Bairros de Alvalade e Caramão, muitos dos habitantes das Furnas, Boa-Vista, etc. transitaram para ali, sem se olhar a mais nada que não fosse a sua situação económica actual. Isto para haver vagas nos bairros municipais, necessidade que se estava sentindo devido a terem sido demolidas numerosas casas, atingidas pelas obras urbanísticas.

Porém o que succedeu não é regra geral, e a ideia fundamental é como vimos haver uma ascensão de ordem material, moral, higiénica e económica até a sua personalidade social esta concluída, ou pelo menos caminhar para lá.

Os anos que cada família está no bairro, varia consoante as pessoas, as suas qualidades, características e níveis económicos.

Não há prazos, nem generalidades, - cada família constitui o seu caso particular.

Há também por vezes certos paliativos postos em prática na entrada de pessoas para o bairro.

Uma casa foi demolida, há necessidade urgente de habitação para uma família, há vaga nas Furnas, ela segue imediatamente para aqui.

No momento não se atendeu a mais nada, que não fosse o encontrar-lhe habitação, mas depois procura solucionar-se o problema, e a família ou fica ali, ou vai para a Boa-Vista, Calçada, Caramão, etc., consoante as condições que se apresentarem.

São porém estes, casos mais raros que gerais.

Sem falar nos outros bairros municipais, por onde transitaram as 280 famílias que habitam hoje as Furnas, os principais locais da cidade de onde elas vieram inicialmente são respectivamente:

Bairro das Minhocas, quinta dos Peixinhos ao Alto de S. João, sitio do Barcal, Arco-Cego, Monsanto, Penha de França, Arreiro, quinta das Galinheiras e Sete Moinhos.

Digo "principais locais" no sentido de que várias famílias, senão muitas, vieram d'estes pontos mencionados atrás, o que não quer dizer que muitas outras não tenham vindo doutros sitios da cidade atingidos também por obras de urbanização como sejam por exemplo: Arco

do Alegrete, Amoreiras, Lumiar, Campo Pequeno, Ajuda, Alferes Malheiro, Vale Escuro etc.

Dêstes últimos locais, e noutros não mencionados aqui, vieram porém famílias em menor número, que nos outros sitios acima indicados.

Se bem que a população seja heterogênea, há pelo menos dois factores comuns a todos, que a vai caracterizar;

- Para a entrada no bairro das Furnas é necessário um certo nível económico e moral - superior à Boa-Vista ou à Calçada.

As casas todas identicas, diferindo apenas no número de divisões, e o centro social, são também mais dois elementos que dão à população uma certa unidade.

A mortalidade registada entre adultos e crianças não é grande.

As três causas principais dos óbitos ocorridos entre adultos são a tuberculose, as doenças cardiacas e o cancro.

Entre as crianças, há a considerar como causas principais da mortalidade infantil - as enterites e as diarreias.

As famílias não são muito numerosas, havendo até alguns casais sem filhos, tendo a maioria cerca de dois, três a quatro filhos.

Famílias com mais de cinco filhos, há muito poucas a registar aqui no bairro.

—§—

CATOLICA

A S A C T I V I D A D E S D A P O P U L A Ç ã O

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR

Entre os habitantes do bairro, não há uma profissão dominante. Há entre os homens vários polícias, serralheiros, carpinteiros, operários especializados ou não, alguns empregados de escritório, embora poucos, etc.

Há também muitas mulheres a trabalhar fora do lar, especialmente como mulheres a dias, vendedeiras ambulantes, ou empregadas em fábricas.

Os rapazes e raparigas, logo que terminam o ensino primário na escola, vão também geralmente trabalhar.

Eles como aprendizes, ajudantes, etc., em fábricas, oficinas ou casas comerciais.

Elas como aprendizes de costureira, na modista ou nas fábricas de malhas ou tecidos.

As fábricas de malhas ali nos arredores do bairro são principalmente a sede do local de trabalho das mulheres e raparigas da quinta das Furnas.

São elas a Fábrica de Malhas Minerva Lda. - situada na estrada de Benfica, a Fábrica de Malhas Simões na avenida Gomes Pereira, a fábrica Grandela em Benfica, etc.

Há algumas mulheres do bairro empregadas no centro social e suas dependências, como criadas ou mulheres de limpezas, e há ainda algumas vendedeiras que estão ali empre-

gadas no mercado.

Os jardineiros, o fiscal, e alguns policias municipais habitam também o bairro das Furnas.

Existem também algumas costureiras mas são poucas, trabalhando algumas mesmo nas suas próprias casas onde fazem trabalhos para fora.

Embora haja muitas mulheres empregadas, há também várias que trabalham nas suas casas, umas porque não têm necessidade, outras por terem filhos pequenos, outras ainda por não terem saúde, ou já idade para trabalhar.

Há muitos homens e mulheres analfabetos, que lamentam a sua falta de instrução, procurando que os seus filhos se ilustrem mais que eles próprios. No entanto muitas vezes os rapazes levados pela ânsia de ganhar dinheiro, e os pais no desejo de melhorarem a sua situação económica, mal terminam a instrução primária procuram empregar-se logo em qual quer sitio, sem se olhar a capacidades, tendências, ou mesmo ás possibilidades profissionais de cada um.

Na grande massa da população lá se encontra um ou outro pai, que se sacrifica pelos filhos e lhes tenta dar um curso qualquer, comercial, ou industrial etc., afim de os habilitar melhor para a sua vida profissional. Não é porém o caso geral, e também temos que olhar que a par de muito desleixo, e egoismo dos pais, há também a considerar os vencimentos e possibilidades de cada um deles!

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

VIII^o. CAPÍTULO



A INDUMENTÁRIA E A ALIMENTAÇÃO

CATOLICA
CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

A INDUMENTÁRIA

O vestuário dos habitantes do bairro nada tem de característico, que lhe possa dar uma personalidade própria, neste aspecto.

Eles vestem como todos os outros da cidade que não têm muitos meios, e o seu vestuário é o mais vulgar possível.

As raparigas, principalmente as que estão empregadas em modistas ou fábricas, preocupam-se muito com o luxo do seu vestuário, especialmente para o Domingo, quando vão passear, ou ao cinema.

Há também muitas mãis que se preocupam com o trajar luxuoso das suas filhas, com as suas "toillettes", muito mais do que para elas próprias.

Não é raro encontrar por vezes uma rapariga muito bem vestida e calçada, com a linha moderna, das costureiras da cidade, ao lado da mãe muito mais modesta, e com o seu carrapito no alto da cabeça!

Como os vencimentos não são grandes, a alimentação é muitas vezes descuidada em favor do luxo, chegando a privar-se de certos alimentos essenciais, e comendo deficientemente, apenas para matar a fome, para poderem fazer uma permanente ou comprar uns sapatos novos, ou uma carteira.

Algumas mãis há, que também reagam quando as filhas ainda novinhas querem começar a pintar-se, ou a fazer permanentes, mas a pouco e pouco vão cedendo, e as filhas acabam por fazerem o que querem, influenciadas pelas companheiras e pelo ambiente das fábricas, ou das modistas, onde trabalham.

A influência destas, faz-se sentir logo que elas deixam a casa dos pais, ou a escola, para irem ganhar a vida.

Dentro de casa muitas vezes chegam a andar desmazeladas, mas mal transpõem a soleira da porta, o seu aspecto e vestuário estão completamente modificados.

O cinema é outro factor que muito vem contribuir para a modificação dos seus penteados, vestuários e atitudes.

O luxo das actrizes revelados na tela enche-as de desejo de as imitarem, e de darem nas vistas pelo seu aspecto exterior, e então as tranças são cortadas, e o rosado das faces é trocado pelo rouge... etc.!

Os vencimentos ganhos durante um mês ou uma semana de trabalho, são depois gastos rapidamente dum dia para o outro, em objectos por vezes muito dispensáveis, sem irem ajudar ao menos um pouco, no orçamento familiar.

Nota-se nos habitantes do bairro a preocupação de porem um fato melhor no Domingo, lavando-o, ou engomando-o na véspera, quando se possuem um fato mais decente para sair. Em algumas famílias numerosas, ou de poucas posses, as crianças ao sábado, andam mal arranjadas e trapalhonas, porque os seus fatos melhores e em pequeno número, estão-se lavando para o dia seguinte.

Nos estendais da roupa lavada, mesmo junto ao lavadouro, nós podemos ter ocasião de verificar, que as suas roupas se bem que modestas, ou mesmo pobres e passajadas, apresen

tam-se contudo decentes, sem aquêlê aspecto miserável de trapos, e rodilhas, que impressiona quem vê.

As mulheres, andam na maioria vestidas ao dia de semana com fatos de algodão ou chita, avental a cobrir a saia, e sapatos modestos, como sejam as alpercatas, as chinelas e outros sapatos simples.

O penteado é também muito simples, usando um rôlo ou carrapito geralmente.

O número de vestidos de cada uma, varia consoante o salário familiar, possuindo porém algumas delas cêrca de três vestidos, dois para a semana, e um melhor para o domingo. Algumas usam saia e blusa, possuindo em geral desta última indumentária, mais que uma só.

As crianças, andam na sua maioria arranjadas e limpas, se bem que vestidas modestamente, e por vezes andam descalças, guardando o calçado para o domingo ou dias de festa. Outras há porém que andam sempre calçadas, isto é conforme as possibilidades orçamentais de cada família.

Algumas mulheres sobretudo as idosas, vestem saias rodadas até abaixo, e lenço na cabeça, usando sobretudo o preto, ou outras côres discretas.

Estas são geralmente aquelas, que vieram da provincia, e não se conseguiram adaptar à moda da cidade.

É raro ver-se uma mulher descalça pelo bairro, embora, nas suas casas muitas vezes andem assim.

Os homens, andam vestidos como todos os outros da cidade, que não têm muitos meios, sem luxo, modestamente.

Alguns, têm fato de ganga, para o trabalho, mas há também quem o não possua, e só tenha um único fato para a semana, e para o domingo.

A maioria porém possui um fato para a semana, e outro, ou pelo menos um casaco melhor ou umas calças, para vestir nos dias de festa, ou no domingo.

Diariamente andam em geral sem gravata, mas nos dias mais solenes apuram-se mais e lá vestem a camisa melhor e os sapatos novos, e a gravata.

Na indumentária que cada um apresenta, influencia também muito, além dos vencimentos, a mão da mulher.

Se esta é desmazelada, ou não tem tempo, as crianças, o marido e ela própria andam muito peor vestidos, sujos, com nódoas, passagens evidentes e mal feitas, etc.

Se pelo contrário ela é cuidadora, a família toda brilha muito mais, mesmo que o fato seja de ganga ou de simples chita, no caso das crianças.

A casa de trabalho, com as suas lições de corte e de costura, e com as novas noções que irão ser ministradas ás rapariguinhas que a frequentam, sobre economia doméstica e outros assuntos, certamente que irá ajudar a habilitar as futuras mulheres e mãis, para sua nobre missão de educadoras, e de donas de casa!

A ALIMENTAÇÃO

A alimentação, é dos problemas mais graves, e que mais influência vai ter sobre a saúde das famílias, quer sejam adultos, quer crianças. Muitos dos habitantes do bairro são fracos, havendo até a contar entre êles numerosos tuberculosos.

Daqui se pode depreender que êles precisam de uma alimentação forte, e cuidada, reforçada até se fosse possível, o que não sucede na realidade.

Há por vezes certos desequilíbrios no orçamento familiar, motivados pela ansia do luxo, ou mesmo pelo desgoverno.

Há também a considerar aquêles que possuindo muitos filhos, ou outras pessoas a seu encargo, desequilibram o orçamento, que não sendo dos mais baixos, é sem dúvida modesto.

E há ainda as crises económicas, motivadas pela doença, ou morte dalgum membro da família, e que vão influenciar na alimentação.

Por esta ou aquela razão, o que é certo é que o problema alimentar é pouco cuidado entre os habitantes da quinta das Furnas.

Muitas vezes é também por ignorância, que não se alimentam convenientemente, não compreendendo que a alimentação é um dos elementos primordiais para a conservação da saúde.

As raparigas especialmente preferem gastar os seus salários em vestidos, e outros objectos de luxo, em vâz de ajudarem o orçamento e contribuírem para a alimentação, e subsistência do grupo familiar.

A refeição mais forte do dia é o jantar, por a essa hora se reunirem o pai, a mãe os filhos e outros membros da família, que andavam a labutar pelo seu ganha-pão.

A esta hora cuidam mais da refeição; já há carne ou peixe, com o respectivo acompanhamento constituído em geral por batatas ou arroz, e a sopa de hortaliças comida antes ou depois deste prato.

A esta refeição, já todos estão reunidos à mesa, possuindo em geral cada um o seu prato, para o qual vão tirando a comida da panela ou do tacho, consoante a vontade de cada um.

Nas famílias mais cuidadas a comida vem à mesa numa terrina ou travessa, mas isto não é caso geral.

Umaz vezes é a mãe ou pai quem distribui os alimentos pelos pratos, outras vezes são êles próprios que tiram a comida do recipiente onde ela está contida.

O peixe é comprado mais vezes que a carne por ser mais barato. No entanto não é também comprado diariamente.

A substitui-los aparecem na refeição da noite, o grão, o feijão, e o chouriço.

A maioria tem a preocupação de plantar nos seus quintais, hortaliças, que deitam depois na panela para fazer uma sopa, ou uma salada.

Os tomates, o feijão verde, as nabijas, as alfaces, as couves e as abóboras são os ele-

mentos mais cultivados ali.

Porém há a considerar, que as quintais são pequenos não podendo portanto conter muita hortaliça, nem esta mesmo chega para todos os dias.

Ao jantar agora no verão, têm geralmente fruta, ou figos das suas próprias figueiras, ou então uvas, peras ou maçãs, compradas ali no mercado.

É a mãe muitas vezes, que quando chega a casa depois do trabalho, vai fazer a comida para o jantar.

Cansada muitas vezes, e com mais trabalhos a fazer, não tem paciência para variar os pratos, o que faz com que estes sejam muito pouco variados, e não desperte grande apetite nas crianças.

Outras vezes é o avô, ou uma filha que cuida das refeições; outras vezes é a própria mãe que está em casa e que com mais gosto, e interesse vai tratar da comida do marido e dos filhos.

Quando a mulher vai trabalhar fora, logo de manhã, antes de sair deixa arranjado para os filhos uma bucha de pão com azeitonas, ou com um carapau frito, ou uma sardinha assada que sobrou da véspera.

As crianças comem isto quando calha, ou então à hora do almoço.

De manhã bebem em geral café com pão, a que vulgarmente se chama "sopas de café".

Há ainda quem de manhã coma um prato de sopa que sobrou da noite anterior.

A mãe que vai sair, arranja ainda o almoço para o pai levar, em que vai em geral incluída uma ou duas "buchas" de pão com qualquer coisa dentro, uma lata com sopa ou com comida - feijão com chouriço, ou uma caldeirada de peixe, etc. - que seja substancial, e ao lado disto lá vai a inevitável garrafa com vinho tinto.

As famílias mais pobres, e que vivem com mais dificuldades, levam comida mais simples, e em menor abundância. A alimentação varia com os vencimentos de cada um, e o que cito aqui, é apenas em linhas gerais.

A mãe quando é mulher a dias, muitas vezes não leva almoço; quando é porém vendedeira, ou empregada em fábrica, leva o seu pão e mais qualquer coisa, mas em geral o seu almoço é mais mal cuidado, que o do marido.

Vendo bem a alimentação diária, tanto nas crianças, como nos adultos, é um pouco deficiente, tendo ainda o inconveniente de não haver horas certas para as refeições, a não ser o jantar que é mais ou menos à mesma hora todos os dias, logo que o pai chega ou que a comida está pronta.

A população não passa em geral fome, há é uma deficiência quantitativa, e qualitativa, sobretudo esta última.

O almoço, e o café da manhã, são as refeições mais deficientes do dia, O jantar é o mais normal.

Ao lanche ou não se come, ou à pão com azeitonas ou com um nadinha de manteiga, ou margarina.

Não comem muita fruta.

Os hidratos de carbono são muito deficientes.

No café da manhã, há quem o tome sem açúcar para poupar, mas a maioria não o dispensa

a esta hora. Depois durante o dia é que em geral não lhe tocam mais,
As crianças pequeninas têm uma alimentação mais rica em hidratos de carbono, no leite,
e nas farinhas, que tomam.

As mãis frequentam na sua maioria a consulta de Puericultura do centro social, e mais
ou menos vão seguindo as prescrições do médico, relativas à saúde das crianças.

Uma ou outra menos cuidadosa, não faz caso disso, e dá aos filhos pequeninos o que bem
lhe apetece, mas não é o caso geral.

Os casais de poucos filhos, que vivem remediadamente, e que são cuidados com a saúde dê
les dão-lhe um copo de leite ao pequeno almoço e outro ao lanche, e ás vezes também fru
ta a estas refeições.

As mulheres que ficam a cuidar da casa, e que não têm trabalho fora, preparam o almoço
para ela e para os filhos. O pai em geral não vem a casa à hora do almoço, ou porque já
o levou na lancheira logo de manhã, ou então é a mulher, ou o filho, que o vão levar ao
local onde ele está a trabalhar.

Mesmo as que preparam o almoço, este é sempre mais fraco que o jantar. Ou aproveitam os
restos da véspera a que juntam algumas batatas ou hortaliças, ou então compram qualquer
coisa ali no mercado, para esta refeição, mas que não traga muita despesa para o orça-
mento diário.

Podemos pois concluir, que as refeições são deficientes em proteínas, gorduras, hidra-
tos de carbonos, e em calorias portanto.

Para um adulto normal são precisas diariamente cêrca de:

400	gramas de hidratos de carbono
100	" " gorduras
100	" " proteínas

num total de 2.900 calorias diárias.

Ora a população do bairro tem geralmente por dia um número inferior a estas calorias,
o que nos leva à conclusão de que a alimentação, não é aqui, o que deveria ser na reali-
dade.

IX^o. CAPÍTULO



A SITUAÇÃO ECONÓMICA

CATOLICA
CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

SITUAÇÃO ECONÓMICA

O nível económico dos habitantes do bairro anda mais ou menos à volta de 200\$00 por pessoa, o que não quer dizer que não haja quem ganhe menos, ou mais.

Há famílias, que embora os salários dos seus membros, não sejam muito baixos, no entanto por terem muitos filhos ou outros encargos pesados, vivem com muitas dificuldades.

Há também aquêles que não ganhando mal, no entanto andam sempre aflitos devido ao desgoverno, e à falta de orientação nos orçamentos familiares.

E ainda há a considerar aquêles de salários baixos, e em que é só o chefe da família a ganhar para o sustento da casa, por a mulher ser doente ou já de idade, e os filhos serem pequenos, ou não existirem mesmo no casal.

Há por vezes como disse já atrás, grandes desequilíbrios no orçamento, e na alimentação familiar, devido ao luxo, ou ao desgoverno, e desorientação dos seus membros.

Há famílias que vão ao domingo para a praia, se é verão e lá gastam toda a fêria, ficando sem dinheiro algum para a semana seguinte.

O dinheiro é gasto assim nas passagens dos comboios, em comida melhor arranjada para esse dia, como seja, - papo-secos com carne, fruta, vinho, bolos, etc. - e ainda nos presentes que levam para os seus filhos, se acaso estes se encontram na colónia balnear, e eles os vão visitar.

Ao chegarem a casa, trazem porém as algibeiras vazias, e no resto da semana ficam a pão seco, ou pelo menos comem muito deficientemente.

Na feira popular também gastam por vezes muito, em divertimentos, e em comidas. O domingo no verão, é principalmente o dia em que o dinheiro desaparece mais depressa das algibeiras.

Como está muito calor, não querem ficar em casa, e vão passear, excedendo porém as despesas, muitas vezes, e chegando a casa na penúria.

Há outros porém mais equilibrados, e razoáveis, que passeiam também mas que olham às despesas que fazem, e nunca fazem exorbitâncias além das suas posses.

Ultimamente tem havido várias crises económicas nas famílias, devido, sobretudo à crise de desemprego que tem grassado pela cidade, e pelo país.

A doença, principalmente a tuberculose, é fonte também muitas vezes dos desequilíbrios económicos, porque a população passa.

O centro social, tem uma verba disponível para auxiliar na renda da casa, ou nas consultas e remédios dos que precisam, e se encontram em crise financeira grave.

O centro social encarrega-se também de pedir subsídios e outros auxílios financeiros ou materiais, à Misericórdia de Lisboa, ao Instituto de Assistência à Família, etc., afim de ser debelada ou pelo menos reduzida a crise porque eles estão passando.

Quando um doente do bairro está internado no hospital, o centro encarregasse também de proceder ao inquérito movido pela própria instituição de internamento, ou mesmo pelo Centro Inquérito afim de ser averiguado se a família do doente, pode ou não pagar o seu

tratamento, ou internato,

E é esta mais ou menos a situação económica dos habitantes do bairro:

- os que ganham razoavelmente, se bem que não seja muito, mas são equilibrados nos seus orçamentos e despesas
- os que não ganham mal, embora modestamente mas são desgovernados e não sabem orientar os seus ganhos
- os que ganham pouco ou razoavelmente mas têm muitos encargos na família.
- etc.!



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

X^o. CAPÍTULO



HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

Tanto quanto as possibilida-
des o permitam, procurar-se-á
encher de sol, de ar, e de luz
o lar dos que trabalham.

ENG. DUARTE PACHECO

H I G I E N E E S A U D E P U B L I C A

As ruas do bairro, se bem que não estejam ainda devidamente calcetadas, no entanto encontram-se limpas, livres de lixo e de outros dejectos que as possam conspurcar. No inverno porém quando chove, tornam-se lamacentas e formam-se então várias poças pelas ruas do bairro.

A Câmara Municipal vai porém resolver este problema brevemente, com o calcetamento conveniente dos seus diferentes caminhos e ruas.

Os terrenos incultos e semi-abandonados que se encontram no lado esquerdo do bairro contém porém algum lixo se bem que não seja muito, deitado ali pelos seus moradores. Embora por agora não haja grande inconveniente nisso, nem perigo para a saúde da população, com o tempo porém podem criar-se ali estrumeiras o que já é desfavorável para a salubridade das habitações. De resto seria também uma nódoa a destoar na limpeza geral do resto do bairro. Não nos podemos esquecer porém que no dia em que isso se tornasse numa realidade os serviços administrativos do bairro solucionariam imediatamente o problema! Quando há uma doença infecto-contagiosa grave, os doentes são enviados pelo centro para o hospital onde ficam internados.

Quando a doença é contagiosa mas benigna como por exemplo sucede ao sarampo, varicela, etc., o doente fica na sua própria casa.

Por meio de conselhos, tenta-se o mais possível que estes doentes sejam isolados, e que usem comêles de certos cuidados, a fim de que eles não se tornem num foco de contágio, para os que habitam a mesma casa.

Como em toda a parte, há os que cumprem, e usam de profilaxia para com os outros, e há os que não fazem caso algum.

É muito difícil, e sobretudo com a tuberculose pouco se consegue. Nesta doença os próprios doentes são egoístas em geral, e não se importam por vezes de contagiar os outros. Há ainda a acrescentar a ignorância neste aspecto de profilaxia, a falta de conhecimentos de higiene, etc.

A tuberculose, é uma doença muito pouco cuidada, muito abandonada por parte dos doentes, e das suas famílias. Se há muitos que fazem tratamento, há também aquêles que o não fazem, ou que não seguem as prescrições dos médicos, por ignorância da gravidade da doença, por desleixo, ou por falta de senso!

Não se isolam nos quartos, não se separam as loiças nem as roupas, e o resultado é contaminarem-se uns aos outros, e o flagelo da tuberculose ir grassando cada vez mais. Se o doente morre, em geral as suas roupas e objectos que lhe pertenciam são queimados, ou vão à desinfectação.

O quarto onde ele morreu, e passava os dias, é também geralmente lavado, e arejado o mais possível.

Porém enquanto ele viveu, a higiene foi nula, ou muito reduzida... e assim não se evitaram os contágios!

A ida para um sanatório, é sempre muito difícil, e demorada, daí o haver tantos tuber-

culosos pelo bairro.

A profilaxia da doença depende sobretudo do doente, e da sua família.

O combustível geralmente empregado pelos habitantes do bairro, é o petróleo, ou então o carvão de sôbro, utilizando para este fim o popular fogareiro de barro.

O nível higiénico dos habitantes, se bem que se vá notando uma diferença para melhor, à medida que vão transitando de bairro, e que os anos vão passando, no entanto não é ainda o ideal.

As suas casas de banho, estão repletas por vezes doutros objectos que não têm relação com a higiene, os lavatórios com roupas, prateleiras debaixo do chuveiro, etc.

A frequência aos balneários, também não é muito satisfatória, a não ser as crianças que vão obrigadas pela escola ou pelo centro social.



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

XII. CAPÍTULO



VIDA SOCIAL E FAMILIAR

CATOLICA

CRC-W · CATHOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

Casas independentes, lares próprios, a cujo fogo se aqueça o amor da família, e se robusteçam os laços da virtude moral.

DR. PEDRO TEOTÓNIO PEREIRA

COLÓNIA DE FÉRIAS

Este ano pela primeira vez foi organizada uma estadia, na Colónia Balnear Infantil Dr. Pedro Teotónio Pereira, para as crianças do bairro.

Nesta colónia, que tem lugar no forte das Maias de Santa Amaro de Oeiras, estiveram também juntamente com as crianças do bairros municipais, crianças filhas de pescadores, e vindas doutros locais, e organizações.

Da Quinta da Calçada compareceram vinte crianças.

Da Quinta das Furnas o mesmo número.

Da Boa-Vista estiveram ali cêrca de trinta crianças.

Do Caramão compareceram cêrca de dez.

Isto no primeiro turno organizado para raparigas, e que teve a duração de quinze dias.

No segundo turno, seguiram o mesmo número de crianças que no primeiro, a duração foi a mesma, e a única diferença foi desta vez tratar-se de rapazes em vez de meninas.

A colónia balnear não foi expressamente organizada para as crianças do bairro, mas sim estas é que foram integrar-se na referida colónia infantil.

O critério obedecido na escolha das crianças das Furnas, que ali foram veraneiar, foi o seguinte:

as raparigas foram escolhidas entre as que frequentavam a casa de trabalho. e entre estas seguiram vinte, as mais bem comportadas, e as que careciam mais duma mudança de ar, devido a estarem bastante enfraquecidas, e com a saúde abalada.

Os rapazes foram escolhidos de entre os que frequentavam a escola, dos sete anos aos doze, como nas raparigas, e o critério foi mais ou menos o mesmo: - saúde e comportamento.

Antes de seguirem para a colónia, as crianças foram inspeccionadas pelo médico, afim de se despistarem algumas doenças contagiosas que acaso pudessem haver entre elas, e também para se averiguar, se o ar do mar lhes poderia ser ou não desfavorável.

Em vista desta inspecção médica, algumas crianças embora poucas, tiveram que desistir, seguindo outras em seu lugar.

As crianças seguiram em camionete para a colónia, com as assistentes sociais e outras componentes da administração.

Não tendo porém ficado ali com elas nenhum membro dos bairros municipais, devido à boa organização da referida colónia balnear, que não necessitava de mais auxiliares para tomar conta das crianças.

Estas porém foram visitadas várias vezes pelos membros do centro social, de cada um dos bairros, e pelos seus pais, e famílias.

A colónia balnear Dr. Pedro Teotónio Pereira, fica situada no Forte das Maias, a Santo Amaro de Oeiras,

Esta fortaleza pertencia outrora à defesa da barra de Lisboa. Hoje esta totalmente destinada a esta de assistência infantil.

As antigas casernas do forte, estão hoje transformadas em belas camaratas, alegres, are-

24
jadas, simples, e muito asseadas, onde as crianças dormem um bom sono depois de um dia agitado pela brincadeira, e pelo ar tonificante que vem do mar!

A entrada do forte tem hoje um ar alegre e está guarnecida de alguns vasos com flores, que lhe vão dar um certo ar festivo.

Quando uma criança entra para a colónia, é-lhe dado um número, que ela depois vai encontrar na sua roupa, no seu talher, no copo e escova de dentes, na própria cama e em tudo mais que lhe pertencer durante a sua estadia ali. Desta forma evitam-se as confusões dos objectos, o perigo de contágio se algum deles adoecer, ao mesmo tempo que a criança se habitua a ter uma certa disciplina, servindo-se exclusivamente só do que é seu, e não guerreando com as outras suas companheiras, na confusão de não saber a quem pertence tal coisa, tal objecto.

Uma senhora dirige a colónia, sendo o resto do pessoal também todo feminino, à excepção do cozinheiro e do ajudante de cozinha.

A alimentação é forte e cuidada, a assistência médica é assídua e rigorosa.

O forte possui um pequeno hospital, com quarto de isolamento para doenças contagiosas, e todo o material indispensável para tratamentos, injecções, etc.

Há um terraço destinado ao repouso das crianças, com toldos de lona e camas destinadas para o mesmo fim.

A colónia, tem também um parque de baloiços e onde as crianças brincam; uma sala de brinquedos para os dias chuvosos, com bonecos, comboios, automóveis, serviços de louça em miniatura, etc., praia e balneário privativos, etc.!

A colónia possui ainda indumentária própria para rapazes, e meninas.

Durante a estadia na colónia as crianças habitua-se a serem disciplinadas, a terem as suas refeições a horas certas, e serem obedientes, asseadas, boas companheiras, e a conhecerem a Deus.

O forte possui uma capelinha, que data do século 18, onde aos domingos é celebrada missa logo de manhã. À tarde as crianças vão também ali fazer as suas orações.

Todo o pessoal é muito carinhoso para elas, e se bem que haja por parte d'este uma rigorosa vigilância, as crianças não se sentem no entanto oprimidas, e podem brincar e saltar bem à sua vontade, desde que estejam entre os limites do que deve ser.

À volta da colónia a criança vem mais queimada, mais corada, e muitas vezes até, o peso da balança subiu; ao mesmo tempo que a assistência religiosa, médica e moral, que ela recebeu ali, também lhe fez certamente muito bem tanto à saúde física, como à moral!

Já houve alguém que disse que:

... "o Forte das Maias deve ser hoje o mais seguro bastião para a defesa da família portuguesa de amanhã"...

VIDA SOCIAL E FAMILIAR

Pode-se dizer, que duma maneira geral, o nível higiênico e moral, evoluiu com a vinda dos habitantes dos bairros de lata, para casas independentes, onde há sol, água, higiene e limpeza!

Como pode ser feliz e ter saúde aquêles que vive em bairros imundos sem luz, sem ar, e sem higiene alguma?

A promiscuidade, e a falta de limpeza, são factores poderosos para a desmoralização, e falta de saúde.

Há no bairro exemplos evidentes do que citei aqui - evoluções por vezes grandes devido à habitação e ao ambiente, que os rodeia.

Como o bairro é recente, e de transição, com famílias constantemente a entrarem e a saírem, evidentemente que não pode haver uma grande união, entre todos os seus habitantes.

No entanto aquêles que vieram em grande número dos mesmos pontos da cidade, como por exemplo os do bairro das minhocas, que passaram mais ou menos pelos mesmos bairros, pelas mesmas vicissitudes, que têm aproximadamente as mesmas aspirações para o futuro, formam aqui e além, pequenos agregados onde existe uma certa solidariedade, e mesmo uma certa amizade, entre eles.

Os que vivem na mesma rua, e são vizinhos, também são geralmente unidos.

Alí no bairro nem todos se conhecem, havendo até algumas famílias muito retraídas, e que pouco se dão com o resto da população. Não é porém o caso geral.

No todo não forma uma grande família, mas sim um conjunto de famílias.

É geralmente por proximidades de habitações, ou de ruas, que os laços de amizade entre uns e outros, se vão criando a pouco e pouco.

As famílias mais antigas no bairro, datam de há três anos e meio, e estas na sua maioria conhecem-se todas umas às outras.

Às vezes também o retraimento de certas famílias é motivado por uma pequenina diferença de categoria social destas, em relação às outras.

A maioria porém pertence à mesma categoria social, com mais ou menos o mesmo nível económico, e as que se destacam, não vão além da meia dúzia certamente!

Que há naturalmente diversas maneiras de pensar entre os seus habitantes, que há diferenças nos ganhos de cada um dando origem aos que vivem melhor ou peor, que há certas dificuldades de educação e de moralidade, isso não se pode contradizer. Agora que no conjunto se identificam em muitos aspectos e pertençam à mesma categoria ou posição na sociedade, isso também não podemos ter dúvidas.

Há por vezes casos de grande solidariedade entre os habitantes. Conta-se um caso duma mulher tuberculosa, prestes a morrer, vivendo com dificuldades financeiras e materiais, sem coisa alguma para deixar aos que cá ficassem, e que tinha ali uma amiga dedicadíssima, e que se sacrificou por ela até aos seus últimos momentos!

Pelas ruas do bairro respira-se paz e ordem. De vez em quando, como em toda a parte, lá há uma ou outra discussão, mas nada que dê nas vistas ou faça grande alarido.

Mais ou menos dão-se bem uns com os outros, e entendem-se, a não ser uma ou outra mulher mais intriguista, ou amiga da discussão, que de vez em quando vem perturbar a paz que se respira ali.

As mulheres que não trabalham por fora, passam em geral a manhã nas suas casas, a coser ou a fazer outros serviços caseiros, a prepararem as refeições, enquanto as crianças ou estão na escola, no jardim infantil, ou então permanecem nos quintais a brincar. Vêm-se também algumas crianças pela rua brincando, descalças por vezes, mas bem arranjadinhas, e sem miséria.

Como em toda a parte, há mãis desleixadas, e mãis cuidadosas. No entanto vêm-se muitas delas interessadas pela saúde dos filhos, se apanham sol ou não, se estão ao frio, se tem o chapéu na cabeça, se o casaco está abotoado, se eles caíram, se estão com falta de apetite, etc.

Há também algumas delas, que se interessam pelas brincadeiras das crianças, que lhes trazem surpresas quando foram fazer compras, que lhes proporcionam ocasiões de prazer, e de alegria, etc.

O pai quando chega do trabalho à tardinha, vai em geral cuidar do seu quintal, ou então senta-se à soleira da porta, se é no verão, a conversar com a mulher, a entreter as crianças, ou a cavaquear com um vizinho.

Há também aqueles que à volta do trabalho, vão para a taberna beber um "copito" e conversar, ou então vão dar uma volta pelo bairro, e conversar com um amigo.

Há de tudo um pouco mas o que predomina é a vida familiar.

Há muitos casais novos pelo bairro, e com filhos pequenos.

Há também várias casas habitadas por pessoas idosas que vivem sós, ou acompanhadas por uma pessoa da família, ou então ainda, habitadas por casais idosos também, e sem filhos geralmente.

Há muitas mulheres que quando vão para o lavadouro com a roupa, levam os filhos pequenos consigo afim de os poderem vigiar. As crianças brincam então ali naquêle terreiro onde está o estendal, sob os olhares das mãis que estão lavando. Isto se está bom tempo, porque no inverno ficam geralmente em casa.

Aquêles que brincam nos quintais, ou mesmo na rua, são também muitas vezes vigiados pelas mãis, que de vez em quando assomam à soleira da porta, para os ver.

Isto também sucede muitas vezes, o que não quer dizer que seja sempre, e geral para todos.

Há também mãis que saem todo o dia, ou parte, e deixam os filhos sósinhos, em casa ou na rua, sem se importarem muito com isso.

Muitos homens há, e mulheres, que se interessam deveras pelo arranjo dos seus quintais, encontrando-se muitos deles limpos, com bom gosto, floridos e com pequenos recantos à sombra onde está uma mesa, ou cadeiras onde se sentam à tardinha, a apanharem o fresco. Há porém também alguns quintais sem graça alguma, mal arranjados, e por vezes meio incultos.

Não é porém êste o maior número, nem nada que se possa comparar.

Se a mãi numa família adocece, e não pode cuidar do lar nem das crianças, há sempre uma

amiga ou vizinha, que a vai ajudar, tratando-lhe da casa e dos filhos, na medida em que essa mesma pode, ou então levando uma das crianças para sua casa, afim de diminuir o trabalho, nêsse lar onde a muhler está doente.

Também noutros casos de necessidade se ajudam por vezes: ou é uma vizinha que empresta um pouco de azeite que faltou para a refeição da noite, ou uma agulha de coser que se partiu, ou uns ovos que se quebraram, ou um género alimentício que desapareceu do mercado, e que a vizinha do lado tem, e lhes adianta um pouco.

Há também famílias que às vezes auxiliam, com uns restos de peixe ou carne que sobram, ou outros géneros quaisquer, a vizinha defronte, que vive com muitas dificuldades materiais, e que por isso mesmo se alimenta muito mal às refeições.

Há também aquelas que vivendo com poucos meios, não podem ajudar materialmente os que precisam ainda mais que êles próprios, mas que no entanto, em caso de necessidade de fazer um serviço urgente, a uma amiga, de lhe ir buscar um remédio, de lhe tomar conta da casa, de lhe fazer o jantar, em caso de aflicção, estão sempre prontas, e de boa vontade!

As famílias, não são muito numerosas, contando a maioria três, quatro, cinco filhos, sendo poucas as que excedem êste número.

A vinda dum novo fiânho, é pela maioria encarado como um encargo pesado, e aborrecido, de que êles se querem livrar o mais possível.

Há a distinguir nêste ponto, uma ou outra família que espera conformada, e pacientemente pelo novo bébé, sem imprecações, nem revolta contra a sua sorte. Não são porém muitas infelizmente,

Sobretudo os casais novos, e casados ainda há pouco tempo, são os que esperam com mais alegria e entusiasmo, pela vinda dum filho!

Logo que êles nascem porém afeiçoam-se em geral de tal forma, que se um dêles morre mesmo pequenino, o desgosto dos pais é sempre grande.

Vêem-se muitos pais estremosos pelos filhos e receosos à menor coisa pela sua saúde.

Não existem muitos namoros entre os rapazes, e raparigas, ali do bairro, se bem que já tenha havido alguns casamentos entre êles.

Geralmente é na sua vida de trabalho, fábricas, oficinas, etc. que êles e elas, vão arranjar o seu ou a sua conversada. E à volta do trabalho vêm aos parzinhos, todo ou parte do caminho, até às suas casas.

Ao domingo muitas raparigas e rapazes ali do bairro, vão para o cinema, ou então passear ali pelos arredores. Vão em geral em grupos de jovens, mas há também quem vá acompanhado pelos seus pais.

No Carnaval êles e elas, vão muito aos bailes de ali perto. Há bailes nesta época no Calhau, na Cruz da Pedra, em Benfica, em clubes dos arredores, ali do Rego, de S. Domingos, de Campolide, etc.

As raparigas, umas vão acompanhadas pelos irmãos e conhecidos da família, outras vão sósinhas, e uma ou outra há que um dia vai com a mãe, constituindo esta uma excepção.

No entanto as famílias em geral têm a preocupação de que elas não vão sósinhas, indo com um grupo de raparigas, já ficam descansadas.

Há ainda algumas mãis, que não consentem que as filhas vão ao bailes. Não são muitas porém.

Ali no bairro também não há muitos rapazes e raparigas já crescidos. A maioria são crianças.

O carnaval é uma época em que mais ou menos a juventude, anda toda excitada com os bailaricos e com outras festas carnavalescas!

O vício do alcool, não é muito frequente entre os habitantes do bairro, a não ser entre alguns de mais idade, mais frequentadores da taberna.

A taberna do bairro tem telefonia, e apesar de ser muito pequena, à hora do almoço juntam ali alguns homens a ouvirem música, a conversar e a beber um copo de vinho ou mais...

O salão de festas do bairro, está à noite patente ao público bairrista.

Já têm sido organizadas ali por vezes sessões de filmes geralmente de propaganda, e dea-tro organizado por êles próprios, ou então por componentes vindos dos outros bairros municipais como seja a Caçada e a Boa-Vista. Geralmente é o centro social quem organiza estas festas.

O salão também possui telefonia, e diversos jogos para recreio dos que lá vão. O jogo a dinheiro foi porém proibido afim de se evitarem desordens e outras discussões.

Há um fiscal a superintender no salão de festas.

Este edifício poderia ser um elemento optimo ali no bairro, atraindo os homens e rapazes para ali, em vez de irem para a taberna, ou outros sitios no género, ou peores ainda.

A biblioteca anexa poderia ter também uma acção grande, quer na sua cultura, quer mesmo no seu moral.

Seria uma ocasião de beneficiarem de livros de bons autores que os poderiam ajudar a instruiremese, e a cultivarem o seu espirito, e além disso seria também uma boa distracção. Geralmente devido aos poucos meios êles raramente compram livros, e ali facilmente chegariam aos seu alcance.

Além disso o salão de festas poderia tornar-se uma força do meio, benéfica para toda a população, criando boas sessões de cinema de vez em quando, teatro em que fossem êles os próprios organizadores, palestras interessantes e ao alcance da população, etc.

Há porém muita falta de entusiasmo por parte da população, ao mesmo tempo que era necessário alguém que fosse dar mais alma ao salão de festas!

Os homens têm outros divertimentos muito perto do bairro, como sejam as tabernas, as cervejarias, os cinemas, teatros, clubes, etc.

O carro eléctrico está muito à mão, e facilmente vão até à baixa, à Feira Popular se é no verão, etc.

Em cada noite vai ao salão uma média de quatro a oito homens do bairro.

A população do bairro, especialmente homens e rapazes frequentam muito a leitaria "jardim" fronteira ao Jardim Zoológico e fazendo esquina para o largo Manuel Amadio da Silva, para onde vão muitas vezes à noite apanhar fresco e conversarem uns com os outros!

A taberna próxima à leitaria, é também frequentada por alguns dêles.

Há um cinema em Benfica, muito frequentado por êles, bem como o Cine-Bélgica, situado

junto à rua da Beneficência.

Nos prédios novos da estrada de Benfica, fronteiros ao Jardim Zoológico, estão situados os seguintes estabelecimentos:

uma mercearia; uma loja de modas; uma taberna; uma capelista; uma mercearia; uma sapataria; uma droguaria; uma leitaria; um lugar de hortaliças; uma barbearia; uma colchoaria.

Do lado oposto do largo, existem duas casas de pasto.

Junto à travessa das Águas-Boas há uma mercearia, e no princípio da rua de S. Domingos há à esquerda uma taberna com carvoaria anexa, e à direita uma oficina.

Na estrada de Benfica, junto à rua mencionada há ainda uma padaria e um talho.

É geralmente nestas lojas, que os habitantes do bairro se vão abastecer consoante as suas necessidades.

Se por acaso não encontram ainda nestas lojas o que desejam comprar, têm ainda a Cruz da Pedra e Sete-Rios, muito próximos do local, e que possuem também vários estabelecimentos do género.

A Feira Popular, é uma das grandes atracções dos habitantes das Furnas, no tempo de verão.

Especialmente o sábado é o dia mais frequentado por eles, visto que o domingo é dia de descanso, e podem-se levantar mais tarde caso queiram.

Geralmente vêm de lá tarde, a andarem em divertimentos, terminando quasi sempre nas casas de comer e beber, onde ás vezes fica lá parte da fêria...!

A frequência à missa dominical diminui no tempo da feira, quer em adultos quer em crianças, visto que por causa da noitada anterior, dormem até mais tarde e lá se vai a missa.

A Feira exerce pois influência na vida religiosa dos habitantes.

Na vida moral também exerce certa influência, especialmente entre os rapazes, que ficam lá até altas horas da noite. Passeiam, bebem, metem-se com as raparigas que estão a vender nas barracas, gastam dinheiro ás vezes além das suas posses, etc.

A Feira da Luz, também é muito frequentada por eles quando chega a sua época, geralmente pelos meados de Setembro.

Alguns vão a pé para lá, cortando o caminho por azinhagas, e travessas, e como não gastam dinheiro em carros eléctricos, vão muitos para ali ao domingo passar a tarde levando as suas merendas consigo.

Ao domingo o bairro fica em geral meio deserto pois a maioria das famílias deseja neste dia, mudar de cenário, vêr outras paisagens, refrescar o espírito, do ramerrão diário.

Uns vão para o cinema, outros para a taberna ou leitarias de ali perto, outros vão passear, e há ainda os que não saem de casa, passando a tarde no quintal a repousar, ou então sentados à soleira da porta.

No verão muitas famílias vão para a mata de S. Domingos de Benfica que é perto, e tem muitas sombras agradáveis.

Preferem-na por vezes à mata de Benfica, ou seja ao parque Silva Porto, por esta última ter muitas formigas que sujam as suas merendas, e também por ser mais longe.

O passeio à mata de S. Domingos é pouco ou nada dispendioso, pois vão a pé para lá e o

gasto que houver é só na comida.

O povo do bairro raramente vai para o Jardim Zoológico, por ser muito caro. Numa família grande, só as entradas é quasi o ordenado de um dia.

Os adultos pagam 5\$00, e as crianças menos.

Se porém entrarem até à uma hora dos domingos e dias feriados pagam metade do preço, ou seja 2\$50.

Pelo que vimos na realidade as entradas no agradável Jardim, são um pouco caras para as suas posses. E eles geralmente preferem passeios grátis, ou pelo menos mais baratos.

As vezes de manhã, lá vai uma ou outra família, mas poucas.

À praia no verão vão muitas famílias, especialmente à Cruz Quebrada, a Caxias, à Trafaria e Caparica que são as viagens mais baratas.

O farnel nêstes dias é sempre melhor quer em quantidade, quer mesmo em qualidade.

O ar do mar abre o apetite, e por isso levam sempre bastante porção.

Geralmente à praia vão logo de manhã para aproveitarem bem o dia. Umas vezes vai a família toda, outras vai só o pai com os filhos, isto tudo conforme as posses e os gastos durante o mês.

No Natal, há uma festa muito familiar para as crianças, e organizado pelo centro social. Tem lugar geralmente no edifício do jardim-infantil, e consiste em quadros vivos muito simples, representando cenas do Natal, em que tomam parte as crianças que o frequentam, bem como as da escola.

São também distribuídos prémios aos alunos mais classificados e melhor comportados da escola e da catequese.

No dia oito de Dezembro, da Imaculada Conceição, dia que é consagrado às mãis, há no salão de festas uma sessão para estímulo dos moradores do bairro, em que são distribuídos prémios às mãis que durante êsse ano melhor seguiram as prescrições médicas da consulta de Puericultura.

Geralmente nêste dia, são também distribuídos prémios aos moradores que mais limpa e asseada tem a sua casa, mesmo que esta seja a mais modesta de todas. Tem ainda influência na distribuição do prémio, se há por exemplo dificuldades em a ter asseada por essa ter muitos filhos pequenos, ou ainda por a mulher ter que trabalhar fora.

São ainda distribuídos prémios, aos que têm o quintal mais limpo e cuidado. Não certamente os que têm flores mais bonitas ou mais raras, porque isso êles facilmente as poderiam adquirir, o que não tem valôr algum. O prémio é para o quintal que podendo ser modesto, no entanto se encontra arranjado, e com gosto.

Os prémios consistem geralmente em utensílios caseiros, objectos úteis aos premiados, como sejam, lençois, ou roupas de casa, ou objectos de cosinha, panelas, loiças, etc. O prémio dos jardins consiste num vaso, geralmente vaso bonito, em loiça de Alcobaça, ou das Caldas.

No Natal não há bodos, nem distribuições de roupas aos moradores. O centro social não possui verba para êsse fim.

As crianças do jardim-infantil, da catequese, das escolas e da casa de trabalho são dis-

tribuidos pequenos cartuchos com rebuçados, ou outras guloseimas que êles muito apreciam.
Os prêmios ás crianças mais classificadas durante o ano lectivo são geralmente livros, ou brinquedos.



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

XIII. CAPÍTULO



VIDA MORAL E RELIGIOSA

CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

VIDA MORAL E RELIGIOSA

Todos os domingos, é celebrada missa na capela do bairro, pelas nove e meia da manhã. Nos dias Santos de Guarda, há também missa à mesma hora.

O Bairro da Quinta das Furnas, pertence à paróquia de Santo António de Campolide, igreja que pertenceu outrora ao Colégio de Jesuitas de Campolide, onde está hoje o quartel de Caçadores 5.

A acção religiosa da freguesia sobre o bairro, é porém muito reduzida, visto este possuir uma capela onde as cerimónias religiosas são celebradas, e além disso a catequese já estar organizada ali na quinta.

Quando porém o capelão está ausente, é à paróquia que se recorre em caso de necessidade, para casamentos, batismos, extrema-unção, etc.

Quando o capelão vai para férias, não há missa ali no bairro. De resto eles têm outras igrejas ali perto, como seja uma em S. Domingos de Benfica às 9h e 30, e a paroquial não dista mais do bairro que um quarto de hora, a vinte minutos.

Para os outros bairros municipais, arranja-se um substituto do capelão, nesta altura, devido aos mesmos estarem muito distantes de qualquer igreja mais próxima.

O capelão serve os três bairros municipais - Calçada, Boa-Vista e Furnas. É muito bem considerado pela população que o trata com familiaridade, e não se intimida à sua passagem.

É considerado como um amigo, como um familiar do bairro.

Em relação às freguesias do patriarcado pode-se dizer que a frequência aos Santos Offícios não é muito má, em percentagem.

Não nos podemos porém esquecer que a população é muito menor em relação a qualquer freguesia, e que além disso a capela é pequena para poder conter todos os habitantes do bairro, se acaso a maioria a frequentasse!...

Aos domingos, na missa, a capela encontra-se mais ou menos repleta de fieis. Como em toda a parte o elemento predominante é a mulher.

Em dias Santos, a frequência como é natural é menor encontrando-se uma média de cerca de noventa a cem pessoas.

Todas as segundas-feiras, há terço à tarde na capela, a que preside o capelão. No mês de Maria e do Sagrado Coração, há terço diário sem o capelão a presidir, a não ser à segunda-feira.

A frequência a esta cerimónia é muito variável, é um tanto ou quanto reduzida.

De dois em dois anos há a festa da procissão de fé e do crisma, com procissão pelo bairro. A última teve lugar ainda este ano de 1949.

Quando há procissão, a assistente social vai a todas as casas pedir que tenham respeito, pois a procissão passa por todas as ruas do bairro.

Diz-lhes porém que eles são livres em assistirem ou não à cerimónia, e o que é pedido é só respeito, e que não façam barulho, à sua passagem.

A maioria acata bem o pedido, respeita, vai mesmo na procissão, e enfeita as suas casas para a passagem da imagem de Nossa Senhora. Neste ano só numa casa é que não acataram o que lhes foi pedido, e não fizeram caso algum.

Os habitantes enfeitam as suas casas com colchas, lavadas e engomadas muitas vezes para esse fim, com flores e troncos de palmeira, velas, e enfeites de papel, etc. Têm muito gosto em apresentá-las exteriormente o melhor que podem e algumas ficam até muito engraçadas.

A maioria assiste à procissão pelas ruas e janelas do bairro, e toma interesse pelo desenrolar da procissão.

Esta é geralmente composta pelo andor de Nossa Senhora, (já corçada) por crianças da catequese, por crianças vestidas de anjo, por um grupo de homens representantes de cada uma das ruas, e os melhores comportados, e ainda por grupos de pessoas com velas acesas.

O andor é levado por alguns homens, geralmente escolhidos entre os melhores do bairro. No ano passado houve no bairro uma procissão Eucarística. Na cerimónia do Santo Crisma tomaram parte bastantes adultos, e crianças.

Por ocasião das festas do Crisma, ou da Comunhão Pascal, etc., há por vezes no salão conferências à noite, destinadas a adultos, por um orador escolhido, para esse fim, ou pelo próprio capelão dos bairros.

Para as crianças, nestas alturas há geralmente um retiro de três dias.

As crianças em idade escolar, vão na sua totalidade quasi todas à catequese.

As do jardim infantil têm lições de catecismo por um livro apropriado ás suas idades, e compreensão.

É a jardineira de infância, quem lhes fornece estas noções de doutrina cristã.

As da escola têm as suas lições de catecismo, depois das aulas.

As lições para a profissão de fé e crisma, levam dois anos a serem ministradas ás crianças.

Tanto o catecismo da primeira comunhão, como o da comunhão solene, são dados segundo os métodos modernos, e adaptados à compreensão e instrução das crianças.

As raparigas da casa de trabalho, têm as suas lições também dadas pela assistente social, sendo porém as revisões feitas pela mestra desta secção.

Os habitantes, possuem na sua maioria uma religião, mais ou menos tradicional

Têm crenças em Deus, em Nossa Senhora uma grande fé, mas muitas vezes não vão à missa porque querem descansar um pouco mais na cama, ou porque não estão para se ralar, nem para maçadas, porque não compreendem que é dever do cristão assistir à missa dominical! Se bem que tenham fé, não sabem cumprir os preceitos religiosos, por ignorância total sobre este assunto.

É uma fé tradicional e supersticiosa que é transmitida de pais para filhos.

Depois de terminada a fase escolar, a continuação da fé religiosa é do cumprimento dos deveres do cristão, depende da família, e do ambiente que cerca as crianças ou adolescentes.

Estas hoje já levam uma formação moral, e religiosa, muito superior geralmente à dos seus próprios pais e educadores! Daí ás suas responsabilidades também assim serem maiores pa-

ra o futuro, e mais esperanças estarem encerradas nas suas vidas de amanhã, para concorrerem para uma geração melhor e superior à passada! Anti-católicos não os há propriamente, há é muitos indiferentes à religião cristã. Superstição há muita, bem como credices em bruxas e curandeiros entre algumas mulheres. Entre os habitantes do bairro houve um seminarista que já não vive hoje ali pois está tuberculoso, e internado num sanatório. Entre os rapazes existe agora um, que diz querer ir para o seminário, mas é muito incerto ainda, e nada há de positivo sobre o assunto.

No Caramão da Ajuda, e na Quinta das Furnas, ambos de nível económico e moral superior aos outros, como seja a Boa-Vista e a Quinta da Calçada, é exigido nas famílias, o casamento pelo menos civil.

Nos outros bairros podem entrar pessoas não casadas pelo registo, mas nestes de 2ª. escala quer dar-se a par do nível superior a sua dignidade como casados, e como pais. Há apenas ali duas famílias não constituídas legalmente ainda.

Uma delas, não está ainda legalizada devido ao chefe da família por "caturrice" ter jurado não casar antes do filho atingir quinze anos de idade, e há que se lhe respeitar a palavra dada. De resto o pequeno tem perto de doze anos, faltando portanto só três para a situação ficar normalizada.

Outro caso, é o duma mulher que vive só, tendo o seu presumível marido ido para a América donde talvez não volte mais, razão a que não se vai intimidar a que case por procuração, visto êle estar longe, não venha mais talvez, e lá se vai comprometer a mulher sem razão.

Acção católica, não existe no bairro, visto ter sido experimentada a sua criação nos outros e não ter dado bons resultados.

Formaram-se partidos, a solidariedade entre as raparigas acabou especialmente entre as pertencentes à A. C. e as não agremiadas, as primeiras tornaram-se importantes, houve guerrilhas e discussões e o resultado foi ter que se acabar com ela ali nos bairros. Procura-se então aqui nas Furnas, reuniões com as raparigas já empregadas, reuniões de recreio e conversa, em que são introduzidos certos princípios da Acção Católica, reuniões "sui generis" sem nome, nem emblema! Canta-se, conversa-se, fazem-se festas, etc., tudo em ordem à formação moral das raparigas!

Os processos de casamentos estão a cargo do Snr. Conde de Bonfim, pessoa já idosa, e que se interessa e dedica ao apostolado dos casamentos nos três bairros municipais.

Na acção junto das raparigas, vêem-se progressos e elas chegam assim ao casamento melhor preparadas que os rapazes, semi-abandonados logo que termina a fase escolar, por falta dum monitor, que os cultive, e os guie, nas suas dúvidas e incertezas.

A preparação tem porém de ser mutua nos dois sexos, senão chega-se sempre a um resultado nulo. A formação moral, tem de estar dos dois lados, para que possa frutificar, e não vá um contaminar para o mal, o outro, e arrastá-lo também consigo!

Aos futuros casais novos, tenta-se o mais possível prepará-los para o casamento.

É a assistente que fala com êles, que procura que êles se compenetrem bem dos deveres que vão assumir de futuro, que lhe dá conselhos, etc.

Alguns confessam-se, e comugam, outros não.

Os novos mesmo ás vezes também dão desculpas ou não podem realmente ir ás lições de catecismo por causa das horas de trabalho, etc.

Outros há que se preparam convenientemente para o acto tão importante que vão realizar. Não é porém o maior número.

Os casais de mais idade, casados apenas civilmente, e que se casam religiosamente depois, é só em geral para legitimarem a sua situação sem se compenetrarem bem do acto religioso que vão realizar.

A homens de cinquenta e tal anos é muito difícil dar lições de catecismo, e a maioria nem se quer confessar. Recebem então o sacramento do matrimónio válida mas não licitamente.

Depois da missa das 9 horas e meia, ao domingo, há confissão para quem queira.

Um dia da semana é destinado pelo capelão, para visitas a doentes no domicilio. Daí o não morrer ninguém ali geralmente, sem ter sido sacramentado e preparado para a Viagem que vão empreender.

Os habitantes habituaram-se a vê-lo passar, a falar com êle e daí o ter-se tornado familiar ao bairro.

Em caso de escândalo público, ou de desmoralização evidente, a assistente social pode propôr à comissão administrativa, a saída daquêles membros que estão a fazer mal ao bairro. A comissão de acordo com o centro procede então à expulsão dêsses elementos nocivos.

Quando há necessidade de serem colocados em tutorias, , reformatórios, ou casas de regeneração como seja o "Bom Pastor" rapazes ou raparigas do bairro, a família é aconselhada a intrná-los ali; e quando são elementos que podem prejudicar a moralidade dos outros habitantes, não devendo residir mais ali, são então convidados a sair, mas nunca se deixam ficar sem abrigo. S-lhes arranjada geralmente residência numa casa patrimonío da Câmara, em qualquer ponto da cidade.

Há a registar um caso sucedido há pouco na Quinta da Calçada e que foi o seguinte:

O chefe duma família que sempre se tinha portado bem, estando uma noite atordoado pelo alcool, arrombou a porta da Crèche e foi encontrado a fazer uma trouxa com objectos e roupas pertencentes à mesma.

Foi então convidado a abandonar o bairro e enviado para uma casa da Câmara, próxima do Beato, juntamente com a sua família.

Houve porém uma certa consideração apesar desta tentativa de roubo, visto o homem estar sob a acção do alcool nessa altura e devido à família sempre se ter portado bem durante vários anos de estadia ali na Calçada.

Se bem que haja colaboração entre todos os trabalhadores sociais do Bairro uma grande ajuda para o progresso da população e para lhes fazer despertar um ideal mais elevado na vida, seria se todos êles tivessem o mesmo sentido do apostolado e estivessem todos igualmente preparados para a nobre missão que estão desempenhando, isto em todos os campos quer da medicina, quer da puericultura, quer do próprio campo escolar, e da Mocidade Portuguesa!

XIII^o. CAPÍTULO



VIDA POLÍTICA E INTELECTUAL

CATOLICA
CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

V I D A P O L Í T I C A E I N T E L E C T U A L

O analfabetismo é muito dominante entre os homens e as mulheres do bairro. A instrução nos adultos é muito insuficiente e não são muitos os que têm a instrução primária, e que possuem uma certa cultura se bem que muito reduzida. As crianças frequentam na sua maioria a escola oficial do bairro, e representam já um progresso neste aspecto sobre a geração passada. Há alguns pais, contudo que dificultam muito a ida das crianças à escola sob pretextos vários:

- falta de sapatos; porque tem que ir levar o almoço ao pai, etc. É preciso estar sempre a aconselhá-los.

A razão fundamental é porém o não compreenderem por vezes a necessidade de instrução, ignorando as vantagens que dela podem advir.

Não é porém regra geral, e o que é certo é que a maioria das crianças entre os sete e doze anos frequentam a escola, e as salas de estudo.

A escola comercial Pedro de Santarém situada junto à estrada de Benfica, e à rua de S. Domingos de Benfica, é frequentada por algumas raparigas do bairro, não excedendo porém cerca de meia dúzia.

Há também alguns rapazes, que frequentam as aulas nocturnas desta escola, mas também não é um grande número deles.

No período eleitoral, para a candidatura do Senhor Marechal Carmona, que teve lugar nos princípios do ano de 1949, o bairro esteve o mais sereno possível, sem quaisquer tumultos, ou comícios entre a população.

O ramerrão diário não foi também alterado por qualquer propaganda nacionalista, ou da candidatura do Senhor General Norton de Matos.

Muitos deles não se interessaram sequer pelo assunto, nem perceberam propriamente o que se estava passando pelo País, sobretudo entre as mulheres e pessoas idosas.

Há também muitos homens incultos, e analfabetos, que nessa altura não estiveram a par da agitação deste período eleitoral.

Houve porém alguns homens que foram votar, e houve mulheres dali que espontaneamente pediram listas para assinarem os seus nomes, isto a favor da candidatura nacionalista. Arranjaram-se então várias listas para o bairro, onde muitas mulheres puzeram a sua assinatura, tendo aquelas que não sabiam escrever, pedido a outras para assinarem em seu nome.

Um grupo de raparigas do bairro pediu também para ir ao palácio dos desportos, onde se realizava uma sessão de mulheres portuguesas. A assistente social foi então com elas num carro eléctrico reservado, e o seu entusiasmo foi enorme!

Tudo isto espontâneo, não tendo havido no bairro qualquer campanha de propaganda nacionalista que pudesse criar este entusiasmo sobretudo na geração nova.

Comunismo não o há propriamente, há é revoltados, e descontentes, com a sua situação

financeira .

A maioria não sabe o que é na realidade o comunismo e tem sobre este aspecto político uma ignorância total. Julgam muitos que ser comunista é desejar mais pão e mais dinheiro.

São portanto mais levados facilmente pelo que mais prometer para o futuro, porque não professam na maioria doutrina alguma, nem têm ideias arrumadas e precisas sobre este assunto.

"o que mais der, o que mais prometer, é com quem a gente vai"!



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

IIIª. PARTE



AS FAMILIAS DO BAIRO

CATOLICA
CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

Depois de termos descrito a vida social e familiar, dos habitantes do Bairro da Quinta das Furnas, passemos agora a casos mais concretos, de famílias residentes aqui.

A HISTÓRIA DA FAMÍLIA

Na rua das Faias, vive há já três anos, uma família constituída apenas por marido e mulher.

Não possuem filhos, nem tem qualquer outra pessoa a seu encargo, vivendo apenas os dois numa casa pequena pertencente ao tipo 1.

O chefe da família, Cipriano R. é natural da povoação Aldeia Gavinha do concelho de Alenquer.

Seu nome de batismo é Severiano, mas devido a sua mãe e irmãos nunca se terem habituado a êste nome pouco vulgar, e não muito do seu agrado, desde pequenino, que todos o tratam por Cipriano, chegando êste quasi a esquecer-se do seu verdadeiro nome.

Não há ninguém que o conheça por Severiano, e sua própria mulher, só tarde soube o seu nome de batismo.

Seus pais, naturais da mesma terra, sempre ali viveram, trabalhando no campo, juntamente com os seus filhos mais velhos.

Não possuindo qualquer cultura, ou instrução, não compreendiam a necessidade de mandar as crianças à escola, sendo seu filho Cipriano ainda hoje um analfabeto.

Aos nove anos de idade começou a ajudar os pais na lavoura, tendo ficado na terra durante toda a sua adolescência e juventude.

Homem já feito, veio para a cidade de Lisboa, aonde procurou emprego, estando empregado há já trinta anos numa garagem de automoveis, situada na Rua Andrade Corvo, ao Matadouro.

O senhor Cipriano lamenta deveras a sua falta de instrução, pois se soubesse pelo menos ler e escrever, já tinha conseguido arranjar um outro lugar na mesma garagem, como encarregado geral, ganhando muito mais dinheiro, do que como lavador apenas.

É muito considerado no local onde trabalho, pois é já um empregado muito antigo, e que foi sempre cumpridor, e de grande actividade. A referida garagem já foi vendida três vezes, e sempre êle se conservou no seu posto, sem p terem despedido.

Tem a profissão de lavador de automóveis, ganhando actualmente trinta escudos diários. Sofre um pouco de reumático há já um tempo, o que o senhor Cipriano atribui à sua própria vida profissional.

Ele acha ainda, que além da sua profissão, há também um outro factor a contribuir, para o aparecimento do reumatismo e que é o seguinte:

- Durante os sete anos que residiu na quinta da Calçada, utilizava sempre como percurso entre o lugar de trabalho e a sua casa, a azinhaga que liga o referido bairro a Palma de Cima; é uma azinhaga longa, meio deserta e que dista cerca de quarenta minutos a Palma; no inverno as chuvas continuas tornavam-a por vezes num lamaçal, e foi aí, que o senhor Cipriano diz ter sido originado o seu reumático, pois chegava a casa todo mo-

lhado, e a tiritar de frio, depois de ter percorrido aquela longa distância, entre a garagem e a sua residência!

O senhor Cipriano, nasceu em 1879, contando portanto actualmente setenta anos de idade. Seus pais eram saudáveis, e elle próprio não acusa grandes doenças durante a sua vida. Se hoje se encontra cansado é devido à idade que já conta, e à vida de trabalho que tem levado, desde criança.

A senhora Amélia R., mulher do senhor Cipriano nasceu em 1886, na aldeia de S. Salvador de Panoias, do concelho da Guarda, e perto da Vila de Sabugal.

Tem 63 anos, é de altura mediana, aspecto limpo e de feitio afável se bem que seja um pouco retraída.

Os pais, Joaquim e Tereza, casados, naturais da freguesia de S. Salvador, viveram sempre ali na sua terra natal, onde faleceram ainda novos.

Tiveram onze filhos, dos quais seis morreram ainda pequeninos; dos cinco que vingaram só existem actualmente dois - ela e um irmão mais velho.

Não possuíam qualquer propriedades na sua terra natal.

Seu pai era apontador de estradas, isto é, era o empregado que fazia o rol e apontava o serviço, e as faltas, dos trabalhadores das obras das estradas, etc. Vivia exclusivamente do seu ordenado, que não era muito elevado. Morreu com cinquenta anos, deixando os filhos ainda pequenos. Uma pneumonia foi a origem da sua morte.

Sua mãe, mulher trabalhadora, séria, honesta, deitou-se então com afinco ao trabalho do campo, afim de angariar sustento para os seus filhos, todos menores ainda. Trabalhava então de manhã ao por do sol, em terras que não lhe pertenciam, e em que recebia a sua soldada diariamente.

Na sua terra eram todos muito unidos e ajudavam-se mutuamente nas suas dificuldades.

Todos os filhos foram sempre muito obedientes, e respeitosos para com os pais. Bastava que a mãe dissesse "vai fazer isto" para eles irem logo e sem resmungarem.

Quando nevava faziam bonecos de gelo, e chegavam a meter bocados na boca; a mãe porém ralhava-lhes pois fazia-lhes mal, e eles obedientes cessavam a brincadeira.

A mãe exercia sobre os filhos uma grande influência e todos ficaram com um grande culto por ela.

A senhora Amélia ainda hoje quando fala da sua mãe, fica com os olhos chorosos, e não se cansa de a elogiar.

A palavra dos pais era para eles sagrada.

Aos domingos, e para as festas ou feiras, as raparigas da aldeia punham sempre nesse dia, a blusa e a saia mais bonita e mais vistosa, guardada especialmente para essas ocasiões. Ela pedia sempre conselho à mãe sobre a indumentária a vestir nessas alturas, e nisso como em tudo, tinha gosto em sentir a mão amiga da mãe a guiar-lhe a sua vida, e a encaminhá-la.

Quando vivia na Guarda, ela trabalhava no campo, e não desgostava desse trabalho.

Há uma lacuna na sua educação, e que ella muito lamenta: - seus pais não a mandaram à escola nem nunca compreenderam a necessidade da instrução.

Não a ensinaram também a cozer, nem a fazer os seus fatos. E a senhora Amélia hoje la-

menta a sua ignorância sobre a costura, pois êsses conhecimentos têm feito muito falta na sua vida.

"Eu não tenho de mim nem geito, nem ideia, e não sabendo não consigo fazer nada"! Mais uma vez aqui se põe à prova, como é útil a uma mulher a aprendizagem da costura! E assim a senhora Amélia sempre que precisa de fazer um fato, ou uma blusa, que seja, tem de gastar dinheiro para a sua execução.

A mãe morreu alguns anos depois do marido.

A senhora Amélia, rapariga ainda, veio para Lisboa servir, como criada. Dos seus quatro irmãos, um morreu, outro foi para militar e seguiu para a guerra, o terceiro veio fazer o serviço da tropa, e o quarto seguiu também para a capital.

Foi a sua mãe, juntamente com o seu irmão mais velho, que conseguiram que aos outros mais novos nunca faltasse o pão.

A mãe depois de viúva não quiz tomar a casar, se bem que houvesse lá na terra quem o quizesse, e tentasse tudo para êsse fim. Continuou sempre a trabalhar para que nada faltasse aos filhos, sacrificando a sua própria felicidade por êles!

Foi boa mãe, boa esposa, mulher dedicada, trabalhadora, de sólidos princípios sãos, e que deixou um grande exemplo aos filhos.

Morreu com quarenta anos na sua terra natal. Ali nasceu, casou e findou os seus dias.

Seu filho mais velho morreu em combate na guerra de 1914, um outro irmão da senhora Amélia, o único sobrevivente nesta altura, foi como militar para Macau, e lá casou com uma macaísta. Hoje tem já uma filha crescida, casada, e com um filho pequeno. Vivem com algumas dificuldades, pois só têm a reforma dêle, como membro do exército.

Foi aqui na cidade de Lisboa que a senhora Amélia conheceu o senhor Cipriano.

O irmão mais velho, morto em combate, deixara-lhe uma pensão de sangue no valôr de trezentos escudos mensais.

Foi esta pensão a origem, da senhora Amélia e o senhor Cipriano, só terem legalizado a sua situação, quando da vinda para o bairro das Furnas.

V I D A F A M I L I A R E S O C I A L

Como o senhor Cipriano ganhava pouco, e não tinham posses para alugar uma casa, ambos foram viver para o bairro das "minhocas", depois de algum tempo de namoro, em que a senhora Amélia continuou a servir.

Nêste bairro viveram cêrca de dezasseis anos numa barraca construída de madeira e lata. Ao fim dêste tempo transitaram como os demais, para o Bairro Municipal da Quinta da Calçada, onde viveram sete anos. Vieram depois para as "Furnas".

Se bem que a senhora Amélia só tivesse legalizado a sua situação há muito pouco tempo, e não tenha grande formação moral e religiosa, como se pode depreender, no entanto alguma coisa de bom lhe ficou da educação dada pela sua mãe.

Ela é séria nas suas contas e dívidas, é muito amiga do seu marido e sempre lhe foi fiel, e tem uma concepção de educação infantil, que está muito certa.

Nunca tiveram filhos, apesar de gostar muito de crianças, e de lamentar não os ter. Ela acha e muito bem, que todos os pais devem mandar os seus filhos à escola, embora por vezes com sacrifício, e que devem ensinar, além disto, as raparigas a cozer e a fazerem os seus fatos.

Lamenta também a educação dada, por certos pais da cidade, aos seus filhos e compara com a educação dada lá na sua terra às crianças dali.

Este é um dos problemas que a faz vibrar e revoltar-se, com a má criação e desobediência que se nota por vezes, em certas crianças.

"Eu tenho pena das crianças mal educadas, e dos pais, que lhe hão-de sofrer as consequências!"

A família R. dá-se bem com os seus vizinhos e amigos ali do bairro, e está sempre pronta a ajudar aquêles que precisam e de quem são amigos.

O senhor Cipriano e senhora Amélia são muito amigos da família Costa, moradores à rua das Tílias, e em que o chefe da família é jardineiro do bairro.

A filha do casal que conta cerca de cinco anos, é muito estimada pela senhora Amélia a quem trata por "avó" e ao marido por "avô".

A mãe da pequena trabalhou ao serviço das cantinas escolares, e a pequenita ia passar nessa altura algumas horas do dia com a senhora Amélia.

Ainda hoje vai lá muitas vezes, o que é sempre uma alegria para este casal já idoso, e que se afeiçoou deveras a essa criança.

No bairro das Furnas este casal foi intimado, a legalizar a sua situação, ou então a abandoná-lo, no caso de não quererem. Depois de várias mentiras, de que não podiam resolver a situação por este ou aquêles motivo, e do arrependimento da falta de verdade usada, para com o centro social por parte de ambos que temiam perder a pensão de sangue, o casal R. realizou a sua situação civilmente e casaram também pela igreja, em 15 de Janeiro de 1949, cerimónia que teve lugar na capela do bairro das Furnas.

O casal é muito amigo, e entende-se muito bem.

O senhor Cipriano teve este ano no mês de Setembro doze dias de férias, o que lhe fez muito bem, pois estava cansado, e na sua idade é necessário um certo repouso e uns certos cuidados, que não se têm, quando se é novo, e saudável.

A família R. gosta muito de estar em casa, e a não ser para o trabalho, tanto a senhora Amélia como o senhor Cipriano pouco saem. Ela diz que ás vezes lhe apetece dar uma volta com êle, e ir a casa duns amigos, mas quando o vê cansado na volta do trabalho e desejoso de se deitar na cadeira de lona, posta no quintal à sombra, ela não tem coragem, para o convencer a sair.

O dia de folga do marido é à segunda-feira. Nêste dia, se o tempo está bonito, vão até à mata de S. Domingos, e levam o farnel para o lanche. Uma vez vão sós, outras, com pessoas amigas.

Há três anos que vivem no bairro, e os passeios mais longiquos ou dispendiosos que têm dado, podem contar-se pelos dedos: duas vezes ao Jardim Zoológico, duas vezes à Feira Popular, duas vezes à praia da Caparica, e meia duzia: de vezes a casa do irmão, e outros amigos.

De manhã a senhora Amélia fica em casa, a tratar do almoço, a lavar a roupa, (não gosta de ir ao lavadouro) a cozer, e a conversar. De vez em quando vai levar o almoço ao marido, mas não é sempre, porque se sente cansada, e com poucas forças. À tarde senta-se no quintal, ou nos degraus da escada que dão para a rua, a conversar com as vizinhas e a cozer.

Depois vai fazer o jantar para o marido, e espera pela vinda d'êles anciosamente, porque se sente muito só durante o dia, e a maior alegria, para ela é a vinda do senhor Cipriano para casa, depois dum dia de trabalho fatigante.

Este quando chega vai repousar para a cadeira de lona, ou então vai tratar do quintal, regando-o com uma pequena mangueira que possuem. Depois vão jantar, ela cuida da loiça e do arranjo da casa, conversam um pouco, e cêdo ainda vão para a cama dormir.

A senhora Amélia sofre também muito do reumatismo.

Aquí à uns anos na quinta da Calçada, ficou tão tolhida de braços e pernas, que teve de ficar de cama, sem se poder mexer, e pagou a uma vizinha para lhe ir cuidar da casa, e das refeições para ambos. O marido a certa altura chegou mesmo a faltar ao emprego, para poder tratar dela.

A adaptação da senhora Amélia ás casas da quinta da Calçada, não se fez logo imediatamente.

Ela tinha vivido numa barraca quasi sem mobília, durante os dezasseis anos que residiu no bairro das "látas"; passou depois para a Calçada onde as casas estavam já mobiladas com cadeiras, mesas, cama, prateleiras, etc. daí o ter de se adaptar aos novos objectos, com que ela desde que deixara a sua aldeia, não voltara a lidar!

Primeiramente ela deu um dia uma queda de encontro a uma das extremidades aguçadas duma prateleira, colocada em sitio baixo. Desleixou-se, teve falta de cuidado, não quiz ir ao posto logo nessa altura, e arranjou então no braço, uma infecção, que lhe durou ainda cerca de três meses. O resultado foi ficar com uma marca no sitio da queda, ao mesmo tempo que desde aí começou a queixar-se de falta de força nêsse braço.

Outra vez deu uma pancada numa torneira, debaixo da qual se tinha abaixado, e hoje ainda se vê vestígios dêsse choque, na região frontal.

Hoje a senhora Amélia já está mais habituada a determinados objectos de ordem higiênica, e material, e já lida com êles com naturalidade, e sem o perigo de pancadas e de choques. A estadia num bairro, em que é já exigido um certo nível moral e económico, dá-lhes também uma certa dignidade que não é para desprezar.

A própria senhora Amélia já tem comentado, que se admira de que certas criaturas que não têm uma conduta recta nêste ou naquêle ponto, estejam ainda alí no bairro!

E êstes comentários parece que não, mas têm um certo fundo, em que se nota já uma influencia do bairro, na sua vida moral! E o desejo de uma selecção nos habitantes é sem dúvida para louvar!

O casal R. se bem que professe a religião católica, é contudo muito pouco praticante.

V I D A E C O N Ó M I C A

O senhor Cipriano ganha diariamente a quantia de 30\$00, num total de 780\$00 mensais (26 dias).

Receitas	Despezas
180\$00 semanalmente	5\$00 - cotas do Sindicato por mês
ou	93\$00 - renda de casa
780\$00 mensalmente	30\$00 - eléctricos
	40\$00 - combustível - petróleo
	alimentação
	612\$00 vestuário
	despezas diversas

Por êste orçamento, podemos concluir, que sem dúvida o casal R. vive com dificuldades financeiras, pois a quantia destinada à alimentação, vestuário e despezas diversas, é insuficiente. No entanto, neste bairro há famílias com um nível económico muito mais baixo que êste, pois têm filhos, ou outros membros da família a sustentar, o que não sucede aqui, que são só dois.

A senhora Amélia, não pode trabalhar fora de casa, porque não possui quasi força nenhuma num dos braços; de resto sente-se também cansada, e o reumatismo de que sofre, atira-a de vez em quando para a cama, onde tem de ficar alguns dias, quasi sem se poder mexer. Ela pensou empregar-se como mulher a dias, mas ninguém a quer, porque o seu trabalho é vagaroso e não rende.

Dêsde que perdeu a pensão de sangue, com o casamento, a senhora Amélia aflige-se muito a pensar no futuro, porque não podem economizar quantia alguma, visto o dinheiro não chegar, e o marido não tem reforma, nem qualquer outro auxilio para a velhice.

A senhora Amélia há já doze anos, que não visita a sua terra natal. Toda a sua família a tem abandonado a pouco e pouco, ou porque morrem ou porque se mudam para outro lugar. Hoje só lá tem três primos; como não possuem nada mais ali que os possa interessar, a família R., não tenciona mais ir visitar o lugar onde nasceram e onde passaram a sua "meninice". Os pais do senhor Cipriano também faleceram há já muito tempo.

A L I M E N T A Ç Ã O

A senhora Amélia logo pela manhã bebe meio litro de leite.

O marido antes de sair toma café com leite, e uma ou duas fatias de pão. A mulher mal se alimenta vai-lhe arranjar o almoço que êle há-de levar na lancheira.

Uma sôpa, uns restos que sobram da véspera, vinho, pão, eis porque é constituído o almoço do senhor Cipriano.

A senhora Amélia só almoça por volta das 13h, 30 ás 14 horas.

Antes disso se acaso tem fome, vai comendo pão aos bocados, até chegar a hora de almoçar. Esta refeição é sempre muito simples, e ela ás vezes só faz uma sopa e umas batatas cozidas.

O jantar é a refeição mais abundante, e a melhor, em quantidade e qualidade. Como o marido vem jantar, ela preocupa-se muito mais a esta hora, que na refeição da manhã, e a comida é muito mais apurada.

Um dia ou outro, a senhora Amélia consegue arranjar alguns legumes do quintal, para pôr na panela da sôpa. Não é porém sempre, porque o quintal é pequeno.

H A B I T A Ç Ã O

A casa da senhora Amélia possui como já disse atrás ao tipo 1. Tem portanto três compartimentos que são:

a casa de entrada ou cozinha

a casa de banho

o quarto de casal

Se bem que a casa esteja limpa, e mais ou menos arranjada, ela não é sem dúvida das mais cuidadas ali do bairro.

Na casa de entrada temos à nossa esquerda a chaminé com o seu poial, onde está o fogareiro, algumas panelas, etc. A revesti-la uma cortina de chita que a vai ocultar ao olhar dos visitantes.

Ao fundo um armário com loiça, pequeno, e feito para ser pendurado na parede. Está porém colocado em cima duma mesa também não muito grande. Cadeiras com almofadas estão dispostas à volta do compartimento; uma mesa grande coberta com uma toalha tem em cima alguns bibelots, retratos e outros objectos a enfeitar. Nas paredes estão graçuras, retratos familiares, prateleiras, algumas das quais possuem garrafas com conserva de tomate, etc.

Na parede fronteira à porta de entrada está colocada uma moldura grande com o retrato do nosso rei já falecido D. Manuel II. À direita um espelho, um calendário, etc.

Completam o quadro duas gaiolas, uma com um canário, outra com um pintassilgo.

Entre o quarto da senhora Amélia e a cozinha, estão dispostas duas cortinas de cretone florida, e engraçada. No quarto do casal há uma cama, uma mala, um pequeno móvel e mais nada.

E eis aqui mais ou menos descrita a vida, e a casa da família R., que habita a rua das Faias do bairro das Furnas.

Depois de termos descrito mais ou menos pormenorizada, a vida familiar, social e económica da família R., passemos agora a descrever em linhas muito gerais, algumas famílias que no seu conjunto possam identificar os habitantes do Bairro da Quinta das Furnas.

Na rua das Oliveiras, vive há já três anos, uma família constituída pelo casal, e uma pequenina, com cerca de dois anos de idade.

Esta família habitou durante alguns anos a quinta dos Peixinhos, ao Alto de S. João, onde residia num quarto alugado. Tinham nessa altura três filhos pequenos, falecidos já, tendo sido aqui no bairro, que nasceu a última filha.

Vivem numa casa pertencente ao tipo 1, rodeado por um quintal todo revestido de flores, e ainda com feijão, hortaliças, etc.

O chefe da família A. J. tem a profissão de serralheiro, ganhando a quantia de 30\$00 por dia.

A mulher, senhora Maria, vende peixe mas ganha mais ou menos uma média de 6\$00 por dia. Recebem abono de família no valor de 60\$00.

Devido à mãe trabalhar fora do lar, a filha do casal passa o dia no infantário das Furnas onde paga diariamente a quantia de 2\$50.

É uma pequenina corada, sábia e de aspecto risonho.

Enquanto os outros filhos falecidos, ficavam em casa sósinhos ou entregues ás vizinhas, semi-abandonados, comendo alimentos impróprios para a sua idade e com febres intestinais constantemente, a filha mais nova do casal passa os seus dias num ambiente próprio à sua idade, bem alimentada, vigiada pelo médico e com horas certas para as refeições e para os repousos, que a sua pequena idade exige.

E por isto podemos concluir, que na verdade se o infantário pode ter os seus inconvenientes, é certo que também contribui muito, para a saúde e bem estar da criança, cuja mãe se ausenta de dia do seu lar e não tem ninguém de confiança a quem a possa entregar!

—§—

Na rua dos Platanos vive a família S. constituída pelo marido, mulher e seis filhos menores.

Vieram também da quinta dos Peixinhos encontrando-se nas Furnas à cerca de três anos, onde habitam uma casa pertencente ao tipo 3.

O chefe da família conta 37 anos de idade e sabe ler e escrever.

A mulher é contudo analfabeta; conta 33 anos de idade.

O filho mais velho deste casal conta presentemente 12 anos, tendo finalizado já a instrução primária e encontrando-se empregado num estabelecimento comercial.

O segundo filho, Joaquim, tem onze anos está matriculado na quarta classe, e o seu desejo é vir a ser bate-chapas.

Segue-se a Maria de Lourdes, de 6 anos de idade, e que se encontra actualmente no hospital infantil da Santa Casa da Misericórdia, com uma úlcera na córnea.

O quarto filho é a Fernanda Elvira de 4 anos.

O Luiz Manuel tem perto de dois anos e tanto êle, como a mais nova do rancho, Maria Jose-

14
fina que conta um mês de idade, já nasceram aqui no bairro das Furnas.

Dos oito filhos que tiveram, seis são vivos e três faleceram.

Entre os últimos temos a destacar duas gêmeas falecidas respectivamente há oito e seis anos, e cuja morte de ambos foi devido a uma enterite.

O casal é amigo, entende-se bem, e ambos têm um grande amor pelos seus filhos.

A mãe é carinhosa e cuidadosa, com a saúde dos filhos, que são todos mais ou menos fracos.

São casados civilmente, mas não pela igreja católica, se bem que digam que o desejam ser.

O chefe da família tem a profissão de refinador, ganhando 26\$00 diariamente. A mulher é vendedeira, mas tem um trabalho muito incerto, porque nem sempre vai à venda, e quando vai tem dias, em que o lucro da mesma é muito reduzido, chegando a ganhar entre os 5\$00 e 8\$00 por dia.

A família recebe além do ordenado do chefe da família cerca de 30\$00 mensais do abono de família.

A renda da casa é 110\$00.

carros eléctricos 50\$00

cotas desemprego, caixa

sindical e caixa de

previdência - 2\$40/ dia

Fundo de Assistência - 3\$00/ mês.

Pelo que vimos das receitas e despesas desta família, podemos depreender que a quantia destinada à alimentação e ao vestuário, é sem dúvida muito reduzida, para uma família composta de oito membros!

Sendo o ordenado mensal do marido 676\$00 e acrescido o abono de 30\$00 a receita global da família não considerando o salário da mulher que é muito incerto, anda à volta dos 976\$00.

Descontando a esta quantia, a mensalidade da renda da casa, o dinheiro dos eléctricos e os descontos das diversas caixas, a família fica reduzida a 750\$00 para as despesas de alimentação, vestuário, combustível, e outras despesas para a subsistência familiar!

Daqui se deprende que a alimentação destas seis crianças é escassa, insuficiente em quantidade e qualidade de alimentos!

Em virtude deste baixo nível económico, o centro social pediu à Misericórdia cerca de 5 sopas diárias, destinadas a esta família, pedido que foi deferido pela referida instituição.

Várias vezes membros desta família têm ido tomar injeções nos serviços médicos do centro, faltando porém algumas vezes, por impossibilidade de pagamento.

O marido se bem que seja amigo da mulher, não lhe entrega todo o dinheiro, ficando com a quantia de 200 e tal escudos, quantia que ele diz ser destinada ao pagamento de prestações, ora dum sobretudo, ora dumas botas, ora dum fato para o trabalho.

A senhora Guilhermina está constantemente a empenhar objectos úteis em casa, mas que ela se vê obrigada a colocá-los em casas de penhores, afim de angariar sustento para os filhos, quando se vê aflita com a insuficiência da alimentação do agregado familiar.

A casa não está muito cuidada, nem com muita ordem.

No entanto não está também suja, não tem lixo no chão e os móveis estão mais ou menos arrumados.

A família possui uma cama para o casal, um colchão para os filhos e um berço para a pequenina.

Os pequenos estão mais ou menos asseados e arranjadinhos. Todos os sábados a mãe lava a roupa melhor para eles a porem ao domingo quando vão passear com o pai, à mata de S. Domingos ou pelos arredores ali do bairro.

Quando a mãe vai à venda, a desorganização familiar é muito maior, chegando os filhos mais velhos a faltarem por vezes à escola, e a só regressarem a casa à hora do jantar. Tanto o marido como a mulher acusam uma lesão pulmonar carecendo portanto, tanto eles como os seus filhos, de uma alimentação forte e substancial, e que não sucede na realidade.

—§—

Na rua dos Choupos vive numa casa pertencente ao tipo 4 uma família, constituída por pai, mãe e quatro filhos.

É talvez uma das casas mais asseadas e arranjadas dali do bairro.

O quintal que a rodeia, está também florido, e cuidado, pela mão dos que a habitam.

Na casa de entrada deparamos com um guarda-loiça, mesa, cadeiras, algumas prateleira, e retratos e gravuras a revestirem as paredes. Tanto a mesa como o móvel estão guarnecidos de naperons sobre os quais estão colocados alguns bibelots, retratos, e loiças a enfeitarem e a darem um tom festivo ao ambiente.

Nota-se mesmo um certo gosto, e conforto no lar, se bem que ele seja todo muito modesto. Tem quatro camas, dormindo também as raparigas em quartos próprios, separadas dos rapazes. O chefe da família, Manuel D. conta 56 anos, e possui a instrução primária. Sua mulher é analfabeta.

O filho mais velho do casal, é o Artur, conta 23 anos e sabe ler e escrever.

O segundo filho, o Rodrigo, conta 21 anos e possui como o anterior o 2º. grau da instrução primária.

O terceiro filho, a Amélia, conta 16 anos e sabe também ler e escrever. Sua irmã mais nova, Ricardina, de 14 anos já acabou também a instrução primária.

O ano passado faleceu aqui no bairro, um filho deste casal, Joaquim D., de dezoito anos com uma tuberculose pulmonar.

Foi tratado pelos serviços médicos de fisiologia do centro social, tendo sido assistido na sua agonia dolorosa, por uma enfermeira dali. Era um rapaz alegre, bom filho e irmão, e que esteve empregado como electricista na Avenida Alferes Malheiro.

O casal D. possui mais dois filhos falecidos há já alguns anos, um com uma difteria, outro com uma miocardite.

A senhora Maria é natural de Borba do distrito de Évora, tendo porém vindo para Lisboa aos 8 anos de idade. Seu marido é natural de Campo-Maior do distrito de Elvas, veio também

cedo para Lisboa, onde ingressou como cabo da guarda republicana.

Na capital travaram conhecimento um com o outro, e casaram religiosamente ao fim de algum tempo de namoro.

Viviam em Campolide, perto do quartel de Caçadores cinco. O marido foi depois nomeado para Aviz, povoação Alentejana, onde estiveram alguns anos e onde nasceram os dois filhos mais velhos do casal.

Vieram depois para Lisboa, o marido deixou o seu lugar de cabo da Guarda Republicana e ingressou na Polícia de Segurança Pública, tendo estado 2 anos a trabalhar na esquadra do Rego.

Devido à falta de habitações na capital, e à carestia das mesmas, a família D. foi habitar uma barraca de madeira no bairro das "Minhocas".

A barraca foi construída por colegas amigos do marido e por êle próprio. A casa ficou assim engraçada, e decente, construída em madeira e com o tecto de zinco. A rodeá-la um pequeno terreno ajardinado e florido, com trepadeiras ao redor da barraca.

O sobrado era também de madeira e a barraca tinha uma pequena divisão independente que servia de cozinha.

Era como um pequeno "chalet" no meio das imundas barracas que o bairro continha.

Assim viveram alguns anos, tendo nascido ali os três filhos mais novos desta família. Dêste bairro passaram para a quinta da Calçada, tendo sido a família a quem o Capitão dirigente dêste bairro municipal, entregou primeiramente a chave das novas moradias do bairro de lusalite.

A desinfectão obrigatória das roupas, antes do ingresso no noivo bairro, estragou muito a indumentária e as roupas desta, e de muitas outras famílias. Felizmente porém tudo se foi recompondo a pouco e pouco.

Quando havia visitas a casa desta família era sempre escolhida como modelo das habitações, para ser visitada pelos que lá iam admirar o primeiro bairro de lusalite a ser construído em Lisboa.

O chefe da família está reformado desde 1944 com 500\$00 mensais.

Com subscrições e outros auxílios a receita do senhor Manuel está em certa de 700\$00.

O Artur está empregado como engraxador e ganha diariamente cerca de 20\$00.

O Rodrigo ganha canalizador 19\$00 diários.

Pelos salários dos três membros desta família podemos concluir que se o nível económico não é certamente elevado, contudo não deixa de ser regular, se olharmos a outras famílias do bairro menos afortunadas que esta.

Brevemente porém os dois filhos mais velhos dêste casal seguirão para o serviço militar. O nível moral desta família é muito razoável.

São praticantes da religião católica, e os filhos têm sido todos educados religiosamente.

A mãe mostra-se cuidadosa pela saúde dos filhos, procurando alimentá-los o melhor que pode e não desprezando também a educação moral quer dos rapazes quer das raparigas.

Ambas as raparigas ajudam a mãe na lida da casa. A mais nova frequentava ainda há pouco tempo a casa do trabalho do bairro das Furnas.

IV P A R T E

S O L U Ç Ã O D E A L G U N S P R O B L E M A S

R E L A T I V O S A O B A I R R O

CATOLICA
CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

7

É uma família unida, e de aspecto forte e sadio, e cujo nível económico e moral já é dos mais razoáveis.

Depois de termos descrito as actividades e a vida social em linhas gerais e mais concretamente, das famílias do bairro das Furnas, passemos agora ao capítulo que vise a solução de alguns problemas que a demandam respeito.

Primeiramente temos a considerar, que o problema de calçamento conveniente das ruas, já foi solucionado pela Câmara Municipal, durante o mês de Setembro do ano corrente. O problema de higiene das ruas não carece pois de solução.

Atendendo ao problema profilático da tuberculose, temos a considerar, que a consulta de tisiologia hoje existente nos serviços médicos do centro social, deveria ser mudada para um pavilhão aparte das outras secções de assistência, evitando-se assim a promiscuidade das salas de espera e de tratamentos, que servem simultaneamente a doentes tuberculosos ou não.

Tomando porém em consideração que seria dispendioso a construção dum pavilhão para este fim, podia-se contudo tomar a iniciativa de edificar uma sala anexa ao centro social, e expressamente destinada à consulta de tisiologia.

Solucionar-se-ia assim este problema de caracter médico e profilático.

O bairro das Furnas vai ser atingido pelas obras de melhoramento da cidade, prevendo-se que dentro duns dez anos, passará ali uma estrada, que percorrerá a serra do Monsanto, até atingir a Auto-estrada. Devido a este plano, dentro de alguns anos, as habitações e os diferentes edifícios públicos terão de transitar para outro local. E digo transitar, porque as casas são desmontáveis, e facilmente se poderão transportar para outro ponto da cidade.

Em consequência deste plano urbano o bairro fica sem a sua sede permanente nesta região, não se construindo por isso mais habitações nos terrenos que fazem parte da quinta das Furnas.

Os terrenos, que rodeiam a capela e as escolas, se fossem cultivados para horta, ou jardinagem, dariam outro aspecto a esta parte da quinta, ao mesmo tempo que poderiam ser benéficos ás crianças, se acaso fosse arranjado um terreno próprio para elas brincarem, durante os recreios da escola.

Um facto que certamente muito iria contribuir, para melhoria da saúde infantil, seria um prolongamento maior na colónia de férias Dr. Pedro Teotónio Pereira.

Se esta colónia abrangesse mais crianças do bairro, e se prolongasse por mais algum tempo, aquêles organismos infantis por vezes tão débeis, e necessitados duma mudança de ar, restabelecer-se-iam decerto mais depressa, e o proveito da estadia na colónia, quer sobre aspecto físico quer moral seria sem dúvida muito maior!

A colaboração da Mocidade Portuguesa extra-escolar com o centro social, seria outro facto que iria contribuir vantajosamente para a educação, e cultura, das crianças dali.

Um monitor bem preparado para a sua nobre missão, que velasse pelos rapazes que já terminaram a sua vida escolar, que os orientasse como um irmão mais velho, que lhes ocupasse os tempos livres, depois do trabalho, com jogos desportivos, leituras, passeios, conversas, jogos de mesa e ensinamentos práticos de carpintaria ou outros trabalhos manuais,

muito poderia vir a contribuir também, para elevação moral, e melhoramento, daquela juventude bairrista!

No salão de festas, deveriam ser organizadas de vez em quando, sessões de filmes bons, com fundo de moralidade, e com certa divulgação de cultura, adaptável aquelas mentalidades, ainda pouco desenvolvidas intelectualmente.

Conferências interessantes, breves e claras; festas são organizadas pela juventude do bairro; sessões musicais de música ligeira portuguesa, do nosso folclore nacional, e de outros estrangeiros conhecidos, não demasiadamente prolongados, e de cultura acessível aos seus espíritos; biblioteca popular, interessante, adaptável que desenvolvesse nêles o gosto pela leitura; jogos de mesa variados e de interesse como o ping-pong, o xadrez e outros, tudo isto o salão de festas poderia desenvolver, e tentar frutificar o mais possível esta ideia de servir a população, para recreio, cultura e educação, do povo bairristas das Furnas!

Toda esta acção do salão de festas ou comunhão com o centro social, além dos benefícios já mencionados, poderia ainda ter como consequência; o afastamento dos homens e rapazes da taberna e das cervejarias próximas; bem como uma diminuição nas idas aos cinemas bairristas por parte da juventude, cinemas em cujas telas passam geralmente filmes impróprios para as suas idades, formação, e até para o seu próprio levantamento moral!

Um outro factor, que viria a contribuir para o progresso da população, seria se o centro social tomasse ainda mais contacto com as famílias, tornando-se como que um fulcro à volta do qual girasse toda a vida do bairro.

É isto não no sentido de violentar a liberdade individual, para a agregar a um todo sem personalidade, tornando à força numa família aquêles que não o querem; mas sim para que todos sintam que numa aflição, numa necessidade de conselho, num desemprego, numa doença, numa catástrofe financeira ou moral, numa dúvida que surge, num problema difícil a resolver, etc. há "alguém" que se interessa por êles e pelos seus multiples problemas, e que procura resolvê-los o melhor possível, sem que êles se sintam sós sem qualquer amparo moral ou financeiro mesmo!

É certo que isto se faz, mas como em tudo, há mais para fazer e mais indivíduos a abranger!

É para êste trabalho era preciso mais pessoal, e que todo êle viesse bem preparado, competente da nobre missão que vai desempenhar!

Não é só necessária a formação social das assistentes e das suas auxiliares, mas sim também ela é útil e imprescindível à enfermeira, à jardineira, à mestra da casa de trabalho, à dirigente da sala de estudos, ao monitor, aos que superintendem no salão de festas, na biblioteca, na Mocidade Portuguesa, na escola, e em todos os outros que por qualquer forma venham a ter influência na vida moral, religiosa, social, familiar, intelectual da população do bairro!

Quanto à solução dos problemas das famílias descritas atrás, pouco há a dizer, visto que elas pertencem ao meio, e tudo quanto o fôr beneficiar, atingirá também essas famílias! Há apenas a acrescentar, que se em todas elas há dificuldades materiais e financeiras, é sobretudo o problema do salário familiar que está em questão!